



3 1761 06976972 7





St. 6

Part. 3

CONDE DE MONSARAZ

Da Academia Real das Sciencias

---

# Musa Alemtejana



LISBOA — LIVRARIA CLASSICA EDITORA

\* DE A. M. TEIXEIRA & C.<sup>TA</sup> \*

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20—1908



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

MUSA ALEMTEJANA

111

---

Composto e impresso na Typographia Santos  
Rua das Flores, 62 - Porto

*Antónia Cordoso da Silva*

CONDE DE MONSARAZ

Da Academia Real das Sciencias

---

# Musa Alemtejana



LISBOA — LIVRARIA CLASSICA EDITORA

\* DE A. M. TEIXEIRA & C.<sup>TA</sup> \*

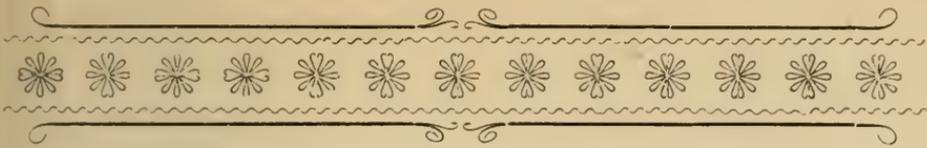
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20—1908

PO  
5261  
M643118



A SESTA





## A SESTA

---

Nogueiras, altas nogueiras  
Da quinta das Vedigueiras,  
Dae-me sombras, dae-me paz!  
Que o vigor, a beatitude,  
A alegria e a saude  
De quando eu era rapaz,  
O sangue e os nervos me invade.  
Milagres da phantasia!  
Tenho quinze annos de idade,  
Alma cheia de poesia  
E corpo de mocidade.

Deitado, ás horas da sesta,  
Sob um docel protector,  
Tecido d'ouro e esmeralda,  
Do sol que o rosto me cresta  
E em roda os campos escalda,  
Sinto o fecundo calor  
A abrir, no meu peito em festa,  
Sébes de sonhos em flor.

Sobre esta relva macia  
Como as pennas d'um colchão,  
Vôa, vôa, phantasia,  
Sonha, sonha, coração,  
Como d'antes succedia  
Em tempos que já lá vão!

Além, por sob os montados,  
Á sombra das azinheiras,  
Dormem pastores e gados...  
Mentrasto, que bem que cheiras!  
Ai, nóra, que bem que cantas!  
E nas moitas de roseiras,  
Por essa varzea deserta,  
Tantas rosas, tantas, tantas,  
A rirem de bocca aberta!

Que troça! ai rosas, talvez  
Eu adivinhe o motivo  
Porque se riem vocês  
N'essa alegria tão franca...  
Ai adivinho, adivinho:  
É por verem que inda vivo  
E que já estou tão velhinho,  
Com a cabeça tão branca!

Pois façam troça á vontade  
De eu ser diverso do que era,  
Roseiras da minha idade!  
Que a seiva da primavera,  
Sangue rubro aos borbotões,  
Ficæ sabendo, vaidosas,  
Se á vossa vida dá rosas,  
Á minha dá illusões.

Tenho andado tão contente  
E sinto-me tão feliz,  
Que é uma pena que a gente  
Não diga tudo o que sente,  
Nem sinta tudo o que diz,  
Quando confia segredos  
Ás musas do seu paiz,

Que andam dispersas no espaço,  
Occultas nos arvoredos,  
Para saber o que eu faço,  
Para contar o que eu fiz.

Os meus primeiros amores  
Que a minha memoria encerra,  
Mortos por entre saudades,  
Vi-os nascer n'esta terra  
Espontaneos como as flores  
Ahi por essas herdades. . .  
Cada tronco m'os recorda ;  
Se escuto, muito a distancia,  
Na lyra da minha infancia  
Geme um ai, chora uma corda,  
Soluça um vago suspiro,  
Passa e morre o som d'um beijo,  
N'um sonho a que não aspiro,  
N'um goso que não desejo. . .

Folha secca, folha morta ;  
Seccou, morreu, que me importa !  
Repousa no meu passado,  
Ungida do meu affecto,  
Folha mirrada d'um feto  
Dentro d'um livro fechado.

Nogueiras, altas nogueiras  
Da quinta das Vedigueiras,  
Vós que em creança me vistes  
Dormir n'um doce abandono,  
Agitae as altas franças,  
Espancae os sonhos tristes  
E protegei o meu somno ;  
Quero dormir n'este dia  
Como dormem as creanças  
E como eu d'antes dormia !



AS MONDADEIRAS





## AS MONDADEIRAS

---

Por entre os trigos as mondadeiras  
Enchem as várzeas de cantorias.  
Herva damninha, que bem que cheiras!  
Nasces e afrontas as sementeiras  
E é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas,  
De rego em rego, sempre a cantar,  
Troncos curvados, ancas redondas,  
Braços roliços e o peito ás ondas  
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,  
Alegres ranchos de raparigas,  
— Ó mocidade, tu nunca mentes! —  
Como as cigarras andam contentes,  
Mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres, mondando as cearas,  
Que rico assumpto para os pintores!  
Lembram vistosos bandos de araras:  
Saias, roupinhas de chitas claras,  
Chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam n'aquella  
Faina constante pelos trigaes;  
Ó mondadeiras, tende cautella,  
Que o parasita que se debella,  
Se escapa cresce cada vez mais!

É necessario que o trigo venha  
De palha grossa, de espiga cheia,  
E, quando caia na mó da azenha,  
Não seja o caso que ás vezes tenha  
Joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de primavera,  
Fecundos dias para a lavoira!  
A natureza se retempera  
Na farta seiva que as plantas gera,  
No sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas, picando os ares,  
Em torno ao freixo que as inebria:  
Nos tendaes leves, rectangulares,  
Nédios carneiros, aos centenares,  
São desnudados pela tosquia.

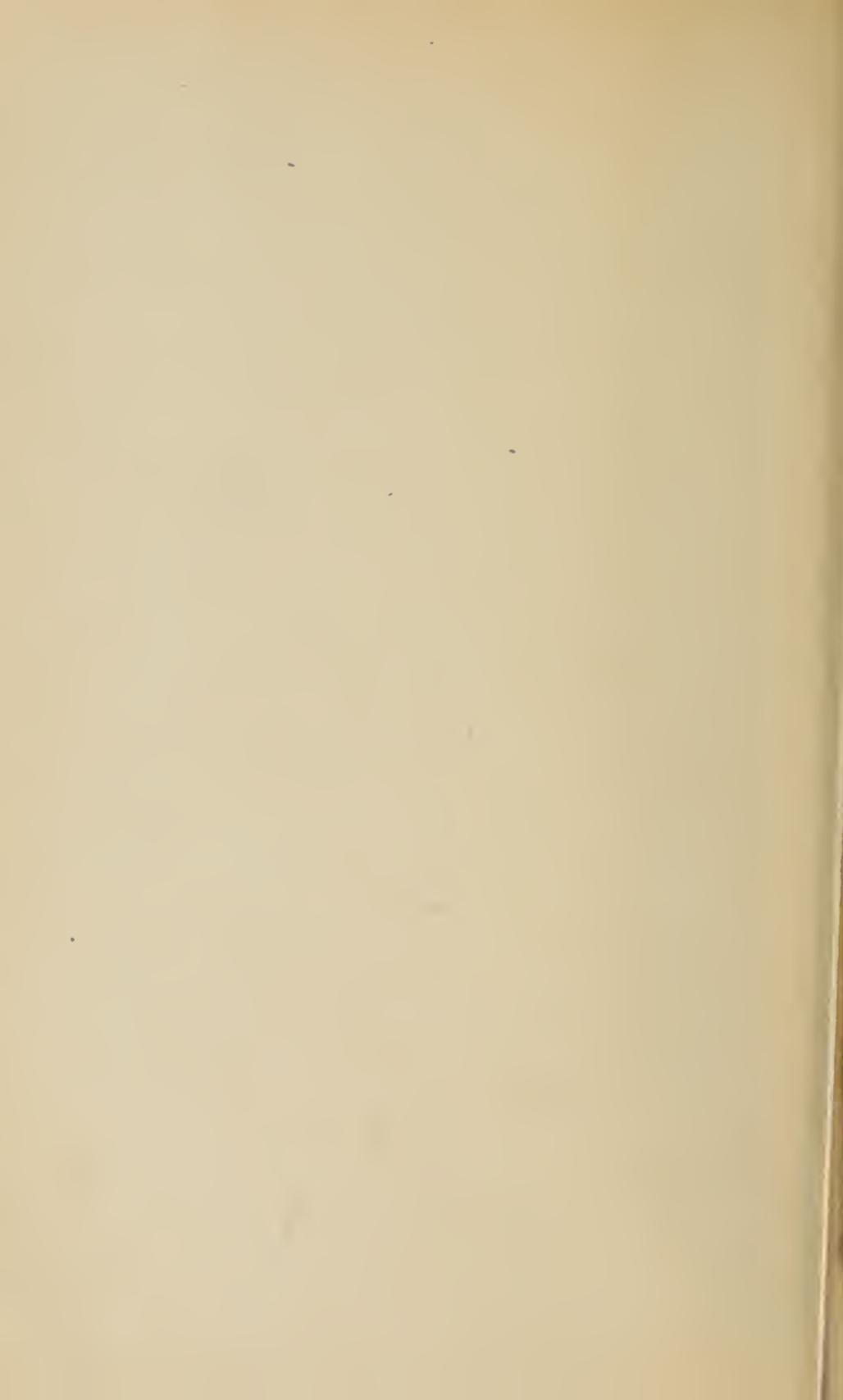
E as mondadeiras, sempre mondando,  
Porque o trabalho não as enerva,  
Põem-se a prumo de quando em quando,  
Erguendo os braços carregando  
Sobre as cabeças molhadas de herva.

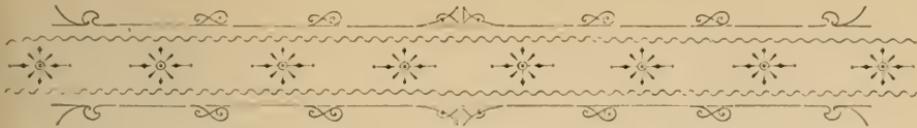
A tarde morre tranquillamente:  
Na freguezia sôam trindades;  
Penetra as coisas e invade a gente  
Como uma benção de paz clemente.  
Que vai cahindo sobre as herdades.

É já sol posto. Ao longe as nóras  
Gemem na rega dos laranjaes.  
Ó agua clara, penso que choras  
E te lamentas, horas e horas,  
Porque alto sobes e d'alto cáes!

E as mondadeiras voltam das mondas,  
Sachola ao hombro, sempre a cantar ;  
Bustos erectos, ancas redondas,  
Braços roliços e o peito ás ondas  
Que não se quebram como as do mar!

A VELHA CANÇÃO





## A VELHA CANÇÃO

---

Ao accender das luzes, era certo,  
Chegavam os parceiros:  
O delegado, um homem muito esperto,  
O Lucas dos Balseiros,  
Um grande caçador,  
E atrás, mancando, um ingénuo—o prior.

Depois dos cumprimentos  
Meu pae mandava preparar a meza:  
Dois baralhos, os tentos,  
Pequenas placas de marfim lavrado,  
D'um lado a velha serpentina accesa  
E o cinzeiro de loiça do outro lado.

Jogava-se a partida  
N'um canto silencioso do salão;  
Defronte, na poltrona appetecida,  
Branca, sequinha, a fronte descahida,  
Dormia minha avó junto ao fogão.

Ao lado, em torno á meza do serão  
Que um grande candieiro  
Sob o espesso *abat-jour* illuminava,  
É que a familia toda se agrupava  
N'aquellas longas noites de janeiro.

Lá fóra, o temporal  
Vergava com rudeza  
As velhas oliveiras do quintal:  
Noite de lobos, negra, — que tristeza  
Para os que sentem frio e não têm lar!  
Que desgraçada sorte  
A dos que andam sem norte  
Sobre as aguas do mar!

Ás vezes minha mãe,  
Que tinha uma voz doce de soprano,  
Sentava-se ao piano  
E cantava tão bem,  
Que eu punha-me a pensar que na voz d'ella  
Se ouvia a toutinegra e a philomella.

Havia uma canção que eu muito amava  
E que ella preferia,  
Um episodio triste em que gemia  
A paixão d'uma escrava  
Pelo dono cruel que a maltratava. . .

Minha mãe estava em plena mocidade :  
Trinta annos incompletos,  
Forte, alegre, morena,  
Olhos grandes, laes, sempre repletos  
D'essa rara bondade .  
Que os temporaes serena, —  
E o encanto natural que manifesta  
Toda a mulher intelligente e honesta.

Era a força, a alegria  
A alma, o sol que a nossa casa enchia :  
Por isso, quando ás vezes se ausentava,  
Era como uma luz que se apagava  
Que sem ella voltar, não se accendia.

Quasi ao sahir da infancia,  
Abrindo as tenras azas emplumadas,  
Tentando o vôo para deixar o ninho,  
Eu já via a distancia  
As minhas illusões esfarrapadas,  
Ligeiros véos, nas urzes do caminho.

Começava a scismar,  
Criança, e a comprehender  
Que a vida humana é um convulso mar  
Em que a alegria, um fragil escaler,  
Costuma naufragar.

Portanto, se escutava  
A xacara da escrava,  
Olhos fitos no chão ficava absorto  
A imaginar o horror, o desconforto  
D'essa negra infeliz,  
Triste e sequiosa flôr á mingua d'agua,  
Que morria de magoa  
Longe do seu paiz.

Ha que tempo isto foi! Os annos passam  
E a gente muda tanto!  
Nos turbilhões d'esta continua lida  
Fica-nos muitas vezes esquecida  
Qualquer bella impressão da nossa vida,  
Como uma flôr que nos cahisse a um canto!

Mais tarde essa impressão  
Acorda novamente  
E ao vêr a flôr inda com viço, então,  
N'um sonho vago soffre, goza e sente  
O antigo aroma a encher-lhe o coração.

.....  
.....

N'uma noite de inverno,  
Alegre e distrahido  
N'uma rua qualquer,  
Ouvi uma voz triste de mulher  
Que ao piano cantava  
No seu soprano doce e commovido  
A xacara da escrava.

Parei, puz-me a escutar,  
Olhei em roda, não me visse alguém  
A tremer e a chorar!  
É que era a mesma voz de minha mãe,  
O mesmo timbre amargurado e terno,  
E os meus olhos pregaram-se a distancia  
Na téla matinal da minha infancia,  
Nos meus serões de inverno :

Lá fóra a chuva, aos ais o vendaval  
Nas velhas oliveiras do quintal;  
    Mas dentro, no salão,  
Essa casta e tranquilla beatitude,  
    Em que brota a virtude  
    E floresce a illusão. . .

E ao escutar a morbida canção  
N'essa rua afastada da cidade,  
Que tristeza, meu Deus, e que saudade!



A CRUZ DE TROVISCO





## A CRUZ DE TROVISCO

### I

A ti'Anna do Ouchão, que é mulher de virtude,  
Foi a casa da Rosa e disse-lhe:

« — Não pude,

Filha, ter mão em mim e aqui estou. Toma tento  
No que te vou dizer. Queres que o teu tormento

Acabe d'uma vez? Queres cural-o? Queres  
Ser inda a mais feliz de todas as mulheres?

Vêr o teu noivo sãõ, desempenado e nedio? »

« — Ai ti'Anna! ti'Anna! o mal não tem remedio.

Já não se ergue da cama, a febre não o deixa;

Disse-me ha pouco a mãe que elle já nem se queixa. . .

Para alli está calado, a arder, Jesus! » E Rosa

Desatou a chorar n'uma ancia angustiosa

Que apertava, de a ouvir, o coração á gente.

« — Mas ouve, rapariga, elle está muito doente,

Bem sei, que novidade! Olha a quem tu o dizes. . .

Mas não te alembras já do Bento das Perdizes

Que esteve vae não vae antes do S. Francisco?

E o que foi que o curou? Uma cruz de trovisco,

Ora ahi está! e andou que até fazia horror,  
Com medicos, botica e cada vez a peor.»

« — Uma cruz de trovisco?! »

« — Olhem que admiração !

Salvou-o a namorada alli, de pé p'rá mão,

Que tem animo em bárda e é mulher de segredo.  
Quando ella viu que o mal do Bento era bruxedo

E o diabo a rechupar e a atanazar o homem  
Que, ai filha! por um triz que as bruxas o não comem,

Chegou-se ao pé de mim e disse-me : — Ti'Anna,  
Sei que é temente a Deus, que é boa e não se engana,

Acuda-me, senão as bruxas dão-me cabo  
Do meu Bento, que morre e entrega a alminha ao diabo.

E então foi dito e feito. Ensinei-lhe o que havia  
De fazer n'essa noite, e o Bento ao outro dia

Entrou a tomar côr, a encher a tripa e prompto :  
Lá vão casar-se os dois. É isto que te conto.»

«—Mas o que hei-de eu fazer, ti'Anna?»

«— Eu já t'o ensino.

Mas olha, para tu salvares o Antonino

Tens de ouvir e calar, senão não lhe aproveitas  
E até lhe podem vir mais fortes as maleitas.

Nem teu pae, nem tua mãe, ninguem ha-de saber  
O que eu te vou dizer e o que tu vaes fazer.

Juras?»

«— Juro, ti'Anna. Ande depressa, diga,  
Que Deus pode-o levar.»

«— Ouve lá, rapariga :

Esta noite, depois de tudo estar deitado,  
Tu ergues-te da cama e vaes, toma cuidado

Não te oiça alguém sair, pela charnéca fóra  
Té ao monte do Gato, — a herdade aonde mora

A Chica do Canhoto. Ha lá trovisco a esmo  
Debaixo do montado, ou então podes mesmo

Topal-o ao pé da horta e escusas de andar tanto,  
Não vás ter medo á noite e dar-te algum quebranto,

Que andam bruxas no ermo, és fraca, não és foita  
E se arreias, adeus! — Arrancas d'uma moita

Dois ramos de trovisco e benze-l'os tres vezes  
Com devoção; depois é preciso que rezes

Por tres vezes tambem o padre-nosso. ouviste ?  
E fazes uma cruz, que o diabo não resiste

Se a fizeres bem feita. Então mettes-te á estrada :  
Irás por ella adeante até á encruzilhada

Do Freixo, e ao chegar lá, com toda a devoção  
Páras, beijas a cruz e deita-l'a no chão ;

Porque de manhãzinha os carros da lavoira  
Passam, pisam-na, o diabo ouve-se um berro e estoira,

E o Antonino, has-de ver como elle entra em melhoras ! »

«— Ai ti'Anna, eu não posso ! »

«— Ah tu não podes? Choras ? »

«— Tenho medo, ti'Anna. Eu nunca andei sósinha  
De noite. Minha mãe pode acordar e tinha

Um susto de morrer, se ao erguer-se da cama  
Não me visse, Jesus!. . .»

«— Muito pode quem ama

Filha, oiço dizer; mas tu não podes nada. . .»

«— Se elle morre, ti'Anna, eu fico desgraçada!»

«— Tens-lhe a vida na mão.»

«— Mas ir por essas brenhas...»

«— Bem, fica-te com Deus; não queres, lá te avenhas!»

## II

Rosa chorou, chorou e ouviu, entre o arvoredado,  
O vento a murmurar: «— Se vaes, morres de medo.»

E n'um remorso atroz, n'uma grande afflicção,  
A consciencia a gritar: «— Tens-lhe a vida na mão.»

Salval-o, arrebatál-o ás mãos das bruxas, vel-o  
Com saude, e ella, emfim, livre do pezadello

Que a traz acabrunhada. . . Em maio, irem os dois,  
Quando se ouve cantar no campo os rouxinoes,

Levar braçadas de hera, ervilhas, rosas, goivos  
E hortelã da ribeira, os dois, como dois noivos,

Á senhora do Carmo e pedir-lhe de joelhos  
Que os case e os deixe andar até morrer de velhos ;

Ouvil-o, que prazer! quando estiver contente  
E a vida lhe sorrir, dizer a toda a gente :

«— Estive por um triz e ella salvou-me a vida . . . »  
E quando á espera d'elle, a moirejar na lida

Da casa, o vir voltar alegre do trabalho,  
Trocando a estrada, o bom caminho, pelo atalho

Para vel-a de longe e chegar mais depressa. . .  
Tudo isso se lhe agita em fogo na cabeça,

Lhe amplia o coração em éstos de ventura,  
E embora o vento sopra e a noite esteja escura,

Sem que a força lhe falte ou que o susto a retenha,  
Embrulha-se a tremer na saia de estamemha

E muito de vagar abre a porta da rua  
E vae para sahir; mas subito, recúa

Transida de pavor: ao longe, entre os valados,  
Vê latejar na treva os olhos incendiados

Do demonio e ouve ao largo uma risada extranha...  
Um suor de agonia a petrefica e banha.

Quer gritar, mas em vão; quer fugir, mas não pode...  
Sem ar, sem luz, Jesus! morre e ninguem lhe acode!

E cahiu no limiar da porta a soluçar...  
Alli, na casa ao pé, tem o noivo a acabar.

No silencio da noite escuta-lhe o estertor...  
Ouve chorar a mãe, e ella sem ter valor!

E a tal voz a insistir na vasta escuridão:  
«—Tens-lhe a vida na mão! Tens-lhe a vida na mão!»

Rosa não poude mais. N'um impeto impellida,  
Ergueu-se e arremeçou-se á noite desabrida

N'uma allucinação de fé tão inconsciente,  
Tão impulsiva, que ella, andando sempre em frente,

Com os olhos a arder e a bocca esbrazeada,  
Ia, sem saber onde, aos tropeções na estrada!

Ia, só Deus o sabe, em busca da ventura  
Que foge quanto mais ás vezes se procura. . .

Da paz do amor, da paz que naufragara ha tanto  
Na sua alma infeliz afogadinha em pranto!

Ia ver se encontrava o bem que lhe fugira,  
Porque o bem que Deus dá não pode ser mentira

E ha-de inda encher de luz a sua vida inteira, —  
Que o diabo não faz mal sempre que Deus não queira.

Um vento rude açoita a charnéca maninha,  
Arqueja no montado, em furia redemoinha

E, sob o frio olhar das estrellas absortas,  
N'uma dança macabra agita as folhas mortas.

Rosa perdida assim na paisagem dorida,  
Gelada de pavor, sente que toda a vida

Lhe afluê ao coração. Olha: de cada lado  
Vê uma alma a soffrer n'um tronco torturado;

A loucura e a paixão nas ramadas hirsutas;  
E na impassível dor das penedias brutas

O desalento, a queixa, a ancia d'uma prece  
Que sobe como o fumo e o vento desvanece.

Ouve gemer, chorar na livida tristeza  
Dos campos. Que desgraça afflige a natureza?

Que angustia despedaça o coração da terra?  
Rosa não sabe, vae sob os montados, erra

Por entre matagaes, espectro da agonia  
No phantastico horror da noite. Via e ouvia

Bruxas de grenha esparsa, olhos phosphorescentes,  
Sardónicas mostrando os descarnados dentes

N'um rude pandemonio, erguendo as mãos mirradas  
E as boccas contorcendo em 'stridulas risadas. . .

Mas pensa no Antonino a arquejar n'um casebre,  
Doidinho a desvairar nos rescaldos da febre,

E na suprema fé que a galvanisa, jura  
Que o sol ha-de doirar-lhe os dias de ventura

Se ella fizer bem feita essa cruz redemptora.  
No entanto, o turbilhão de furias que a apavora

Cresce cada vez mais, cada vez mais perturba  
A sua alma infeliz, e é entre a extranha turba

Que ella a tremer arranca, attonita, gelada,  
Dois ramos de trovisco e os põe em cruz na estrada,

E foge sem parar, vertiginosamente,  
Atraz d'ella sentindo a turba multa ingente

Em tropel, a correr e a uivar pragas e ameaças,  
Como se todo o mal e todas as desgraças

Em rajadas de dôr, em levas de amargura  
A seguissem, que horror! n'aquella noite escura,

P'ra lhe arrancarem vivo o coração em sangue...  
Rosa ao entrar na aldeia, allucinada, exangue,

Ouviu chorar, gritar... Correu em desatino  
E exausta foi cahir á porta do Antonino,

Que tinha succumbido á ultima maleita...  
Pobre Rosa, infeliz, fizeste a cruz mal feita!



PRIMAVERA





## PRIMAVERA

---

Fins d'Abril. A natureza  
Rebenta por toda a parte.  
Não existe, com certeza,  
Nem Crasso com mais riqueza,  
Nem artista com mais arte.

Como o ceu se enche de estrellas,  
Enche-se a terra de flôres  
Talvez ainda mais bellas. . .  
São d'uma só côr aquellas  
E estas de todas as côres.

Campos largos, avenidas,  
Bosques tranquillos, outeiros,  
Praias das ondas batidas,  
Renques de faias torcidas,  
Alas nuas de salgueiros;

Tudo o que a morte invadira  
Nas derrocadas do outomno,  
Quando o nordeste suspira  
E geme na velha lyra  
Da tristeza e do abandono,

Tudo emfim rebenta agora  
N'uma alegria expansiva:  
Parece que, de hora a hora,  
A seiva que revigora  
É mais pujante e mais viva.

São claros os horisontes  
Em que a vista se nos perde,  
A agua canta nas fontes,  
Tingem-se valles e montes  
Por toda a parte de verde.

É mais alegre e lavada  
A brancura das aldeias;  
Já se ouve, descompassada,  
A solfa da passarada  
Trinando semi-colcheias.

Vestem-se os troncos vetustos  
Desnudados pelos ventos,  
E os mais fléxiveis arbustos,  
Que o inverno vergara em sustos,  
Desentranham-se em rebentos.

Cravos, rainunculos, rosas,  
Papoilas, lírios, jasmíns,  
Cinerárias e mimosas,  
As alfazemas cheirosas  
Das hortas e dos jardins,

Riem ao sol que as fecunda  
Todo o dia nos canteiros,  
Até que á tarde as innunda  
A saudade moribunda,  
Dos seus clarões derradeiros!

Já da crista dos açudes  
Não rompem as albufeiras  
Tão encrespadas e rudes;  
Murmuram como alaúdes  
Tangidos por feiticeiras.

Por entre as ceáras frementes  
Que ao longe parecem mares,  
Ardem papoilas rubentes,  
Boiam á flôr das correntes  
Ilhotas de nenuphares.

Pelas pastagens rociadas  
De appetitosos orvalhos,  
Andam as loiras vaccadas;  
Retinem pelas quebradas  
As guizeiras e os chocalhos. . .

.....

E o sol, que alegra os montados  
E adoça o nectar das flôres,  
Parece que aos desgraçados  
Torna os dias mais pesados  
E mais amargas as dôres!

São como ignotos paizes  
Aonde nunca amanhece,  
As almas dos infelizes;  
Troncos mortos, sem raizes,  
Que a seiva não reverdece!

Abril! Abril! Quem me dera  
N'essas almas carcomidas  
Do tédio que as dilacera,  
Ver tambem a primavera  
Brotar em crenças floridas!

Que as almas, n'um captiveiro,  
Sem ar e sem claridade,  
Rosas sem côr e sem cheiro,  
Ó Deus bom, Deus justiceiro,  
Que injustiça e que maldade!



A SANTA CRUZ





## A SANTA CRUZ

### I

N'esse anno fomos nós passar a primavera  
Às Vidigueiras:— eu, minha irmã, que então era  
A moça mais gentil d'aquelles arredores,  
Minha Mãe e meu Pae.

A trama, os pormenores  
D'esse trecho de vida alegre, entre os montados,  
Refrescam muita vez os ermos estirados  
Da minha alma sequiosa. O campo, as Vidigueiras,  
A casa, a igreja, a horta e em torno as azinheiras,  
Condensadas n'um bosque hirsuto, em cujas ramas  
Os melros fazem ninho e os cucos epigrammas.  
Na horta abre um rasgão a lamina prateada  
D'uma fresca ribeira, alpestre, marginada

De choupos e chorões e faias seculares.  
Toda a terra se expande em vinhas e pomares.  
Ha rosas em festões ensanguentando os troncos  
Madresilvas em flôr, que revestem os broncos  
E velhos canapés d'alvenaria. O buxo  
E as rosas de tocar formam *panneaux* de luxo;  
As latadas, docéis tão densos e tão baixos,  
Que a boca pode bem desengaçar os cachos.  
No rebordo do tanque ha vasos d'açucenas  
E craveiros reaes.

Pelas tardes serenas

Como uma estranha dôr que se lamenta e chora,  
Move-se lentamente o engenho d'uma nora.

No páteo, ao pé da casa, a torre alta e vetusta,  
Cuja lendaria historia os animos assusta  
De modo que não ha inda hoje quem se afoite  
A subir-lhe os degraus depois da meia noite.  
Ao lado a igreja. É ampla, abobadada e fria.  
Tem o cunho, a tração de extincta freguezia:  
A pia do baptismo, o pulpito lavrado,  
A um canto o velho esquife ha muito abandonado,  
E no fundo d'uma arca, em putrido descanso,  
Uns farrapos d'umbella e as folhas d'um ripanso...

Mas ha n'este recinto a paz consoladora  
Que invade os corações. No altar, Nossa Senhora  
Das Neves, um primor de mystica esculptura.  
Não se pode exigir mais graça e mais ternura :  
Alta, risonha, as mãos eternamente postas,  
O cabello a cahir-lhe em ondas pelas costas.  
Na fina encarnação dos labios descerrados  
Ha effluvios de amor; e os olhos, constellados  
De quanta luz etherea inunda o firmamento,  
Confundem a razão perante o sentimento.

É o altar entalhado em pura renascença :  
Columnas e docél d'uma folhagem densa,  
Com cabecitas d'anjo e aves do paraizo  
Picando em cachos d'oiro; e sobre cada friso,  
Sopesando o esplendor das rutilas arcadas,  
Carrancas de leão, de jubas erriçadas.  
Diante d'esse altar e n'esse tempo eu ia  
Pedir á Mãe de Deus o pão de cada dia. . .  
Ó doce e ingenua fé com que eu n'aquella idade  
Erguia o meu olhar á paz, á suavidade  
D'esse rosto de santa! Ai! soffro se me lembro  
Que isto era em março e eu estou no rispido novembro

Da vida: o inverno chega; o vento sopra forte;  
As crenças vão murchando ao halito da morte;  
Cahem dos troncos nus lagrimas crystallinas,  
Geradas a tremer no seio das neblinas;  
E a alma que cantava e o coração que ria,  
Sinto que n'os invade a noite erma e sombria.  
E enquanto, minha Mãe, de joelhos, a teu lado,  
Eu resava o que tu me havias ensinado  
Nas tranquillias manhãs á beira do meu leito,  
Com os olhos no chão e as mãos em cruz no peito;  
— Sobre a minha cabeça andorinhas aos pares,  
N'um vôo incerto e vago em frente dos altares,  
Flechas vivas crivando as orlas da cimalha,  
Em busca do beiral que á noute as agasalha,  
Palpitavam no espaço; e a alegria, com ellas,  
Em jorros penetrava, a rir, pelas janellas,  
Como se Deus soltasse, em frémitos suaves,  
Gargalhadas de luz das gargantas das aves.

## II

Fez-se pomposamente a Santa Cruz n'esse anno.  
Lembro-me; foi em maio; a tres se me não engano.

Que esplendor! Que alegria!

Armámos as capellas

Logo pela manhã, com guarnições singellas  
De açucenas e murta. O chão, atapetado  
De rosmaninho em flôr. No adro, em cada lado  
Do cruzeiro de pedra, erguemos nós — que festa! —  
Dois pinheiros reaes, cobertos de giesta  
Apertada com junco; e em cima, grandes discos  
De ramos de chorões e hastes de malvaiscos.  
A cruz! Eu não sei bem como isto se descreve...  
Que frescura! Que mimo! Era grandiosa e leve  
Ao mesmo tempo. Alli, no emblema do martyrio,  
Uma rosa sôrria e soluçava um lirio;  
E, porque no contraste a vida se resume,  
Papoulas e jasmims, a neve ao pé do lume,  
Enlaçavam-se á cruz, que nos campos desertos  
Olhava o ceu azul com os braços abertos.

Chegam de toda a parte os grupos de romeiros:  
Gente rija do campo, homens fortes, trigueiros,  
Da raça viva e sã dos velhos lusitanos.  
Sobraçam com vigor os varapaus serranos;  
De jaquetas ao hombro e camisas lavadas,  
Cantando alegremente ao longo das estradas,

Enfeitam de verdura e matizam de flôres  
As copas dos chapéus e as cintas multicôres.  
Na frente as aldeãs, esbeltas raparigas,  
As bocas sensuaes repletas de cantigas,  
O olhar d'um brilho estranho, ironico, picante  
Como agulhas de luz, o busto triumphante,  
O andar firme, esmaltando alegres a paysagem  
Com as saias de chita e os lenços de ramagem.

E assim se foi enchendo o pateo, a igreja, o adro.

Eu tenho na minh'alma as tintas d'esse quadro,  
Mas falha-me o pincel e estraga-me a pintura.  
Dançam, cantam ao sol; aqui e além murmura  
A guitarra nas mãos dos broncos jornaleiros;  
Troam no ar sereno e agitam-se os pandeiros;  
E entre o rude tropel concentrico dos pares  
Gemem os soltos ais das trovas populares.  
Tudo ri, tudo esquece o desamparo, as febres  
Curtidas pelo chão dos rusticos casebres,  
A fome que os definha, a enchada que os cança  
E os curva e faz andar no mundo á semelhança

Da besta que só vê a terra em que trabalha.  
Bem dita a Santa Cruz! O pobre canta e balha,  
Que a morte é longa e triste e a vida é bella e curta,  
Engrinaldada assim de pampanos e murta.  
Toca a rir e a saltar. que aos saltos, satisfeito,  
Tambem lhes anda agora o coração no peito!  
Bem dita a Santa Cruz!

O sol vae declinando;  
O sino, alto, no azul, braceja soluçando;  
Lá vêm as procissões.

Nas estradas oppostas  
Descem pausadamente as ingremes encostas,  
Por cima do *moiré* riquissimo dos prados,  
Em direcção á Cruz, dois grupos isolados  
De mulheres. Vem n'um, á frente, a Magdalena;  
Alta, pallida, magra, erguendo a voz serena  
No silencio da tarde. O seu longo vestido  
É negro como a noite; arrasta-lhe, comprido  
E leve como um veu, nas hervas, o cabello  
Que foi o seu triumpho e é hoje o seu flagello.  
E porque o ceu é brando e a terra tem abrolhos  
Ella pousa na terra os macerados olhos  
Plenos de contricção. Traz pendentes os braços,  
Indignos de os erguer aos limpidos espaços,  
E mostra ensanguentado ás filhas do calvario  
O rosto de Jesus nas dobras do sudario.

Canta ! Na sua voz ha queixas, desalentos,  
Que apertam, só de a ouvir, os corações sedentos  
De perdão e de fé na bemaventurança. . .

Pararam no arraial as musicas e a dança ;  
Tudo se cala e ajoelha. Uma doce tristeza,  
Uma vaga impressão de mystica grandeza  
Enche as almas de paz e as solidões invade  
D'um perfume subtil d'amor e de bondade.  
Avança do outro lado o grupo da Mordoma,  
Que d'entre os azinhaes alegremente assoma.  
Uma duzia talvez de bellas raparigas,  
Modestas e gentis como as vestaes antigas,  
Ornaram — que frescura ! — os seus vestidos brancos  
Com madresilva em flôr colhida nos barrancos  
E o loendro trivial que nasce nas ribeiras.  
Vem a Mordoma, egual ás suas companheiras,  
Erguendo a Santa Cruz, que patrocina os lares  
E d'entre as mãos lhe vae embalsamando os ares ;  
Vem cantando tambem, bocca vermelha e casta,  
Um hymno de louvor ao Deus que nos afasta  
Das rubras tentações da carne e do peccado.  
Dissolvem-se no azul do espaço illimitado,

Orvalho que se esvae das folhas do amaranto,  
As notas virginaes d'esse limpido canto:  
No fim de cada copla, o ritornello em côro,  
Murmurado em surdina, a tremer com um chôro,  
Ondula na amplidão; e as piedosas mulheres,  
Que como Ophelia vêm pisando os malmequeres,  
Espalham pela estrada uma chuva copiosa  
De folhas de mentrasto e pétalas de rosa.

Chega o grande momento, o encontro ambicionado.  
Pararam junto á Cruz, vindos de cada lado,  
Os cortejos. Então a Magdalena canta,  
Como se lhe vibrasse em queixas na garganta,  
Ao beijar o sudario, humilhada por terra,  
O hymno ao redemptor que os corações descerra:  
— «Para as almas sem luz, para as vidas sem norte,  
Um só crisol no mundo as purifica: a morte.  
Sobe o espirito ao ceu nas azas d'uma prece;  
O corpo desce á terra e immovel apodrece  
Como uma cousa vil! Ó Santa Cruz, erguida  
Nos pinaros da fé, tão alta e revestida  
Do que ha de bello e são na natureza, — as flôres,  
Attende o meu remorso, escuta as minhas dôes,

E ao clarão d'esse sol que morre nos espaços  
Deixa, piedosa cruz, que eu morra nos teus braços...»  
E a Magdalena aspira ás nupcias do Calvario,  
Põe um beijo febril nas dobras do sudario  
E toda se debulha em lagrimas amargas.

Rebentam brutalmente as bombas e as descargas;  
Estoiram pelo chão os bojos dos morteiros;  
A dança recomeça. Os guizos dos pandeiros  
Dão rizadas no ar; os pifanos dão gritos;  
Tambores, cornetins, castanholas e apitos,  
N'uma viva explosão de jubilo selvagem,  
Atordoam, — que inferno! — e arrastam na voragem  
Toda essa multidão enthusiasmada e crente.  
O olho rubro do sol mergulha-se no poente.  
Erram, perdida a côr, as nuvens desmanchadas;  
Sobe da terra um cheiro a plantas repisadas,  
— Rosmaninho e alecrim, — que os corpos retempera  
No másculo vigor que insufla a primavera.

A festa continua até de manhã cedo. . .

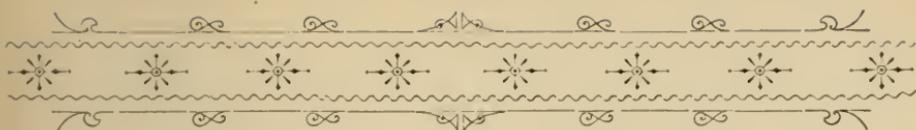
.....  
E eu que era enfezadinho e tinha muito medo

De me ir deitar de noute, ouvindo aquella gente,  
Dormi com minha Mãe, n'esse calor clemente  
Do meu ninho, avesita implume e agasalhada.  
Mas, nervoso e febril, não dormi quasi nada,  
Inquieto, ouvido á escuta, imaginando horrores. . .  
Minha Mãe estendia os braços protectores,  
E apertando-me, ao som d'essa algazarra enorme,  
Dizia a meia voz: — « Não tenhas medo, dorme! »



SALADA PRIMITIVA





## SALADA PRIMITIVA

---

Leitor, se amas o campo e a natureza,  
Se és bucolico e rude,  
E na tua rudeza  
Só respeitas a força e a saúde;  
Se ás convenções da sociedade oppões  
O desdem pelas normas e preceitos,  
Que trazem pelo mundo contrafeitos  
Cérebros e corações;  
Se detestas o luxo e se preferes,  
Francamente, ás senhoras as mulheres,  
E tens, como um pagão da velha Sparta,  
Pulso rijo, alma ingénua e pansa farta;

Se és algo pantheista e tens bem vivo  
    Esse afagado ideal  
Do retrocesso ao homem primitivo,  
Que nos tempos pré-historicos vivia  
Muito perto do lobo e do chacal;  
Se um ligeiro perfume de poesia  
    Que se ergue das campinas  
Na paz, no encanto das manhãs tranquillias,  
    Te dilata as narinas  
E enche de gozo as humidas pupilas, —  
Leitor amigo, se assim és, vou dar-te  
« Se a tanto me ajudar engenho e arte »  
    Uma antiga receita,  
Que os rusticos instinctos te deleita  
E frémitos te põe na grenha hirsuta.  
    Leitor amigo, escuta :

Vae, como o padre cura, cabisbaixo  
Pelos vergeis da tua horta abaixo  
Quando no mez d'Abril, de manhã cedo,  
O sol cae sobre as franças do arvoredos,  
Para sorver aquelles bons orvalhos  
Chorados pelos olhos das estrellas  
    Nos corações dos galhos ;

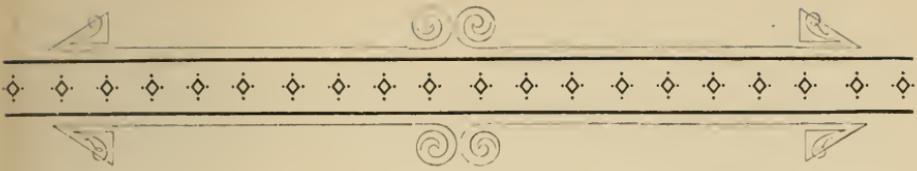
Passarás pelas couves repolhudas, —  
Cuidado, não te illudas,  
Nem te importes com ellas, —  
Vae andando...

Mas logo que tu passes  
Ao campo das alfaces,  
Pára, leitor amigo,  
E faze o que te digo :  
Escolhe d'entre todas a mais bella,  
Folhas finas, tenrinhas e viçosas  
Como as folhas das rosas,  
E enchendo uma gamella  
D'agua pura e corrente,  
Lava-a, refresca-a cuidadosamente.  
Logo em seguida (e é o principal)  
Que a tua mão, sem hesitar, lhe deite  
Um fiosinho de azeite,  
Vinagre forte e sal,  
E ouvindo em roda o lubrico sussurro  
Da vida anciosa a propagar-se, que erra  
Em vibrações no ar,  
Atira-te de bruços sobre a terra  
E come-a de vagar,  
Philosophicamente, como um burro !



ALMA RELIGIOSA





## ALMA RELIGIOSA

*Na parede d'uma ermida rustica*

---

Ha uma paz infinita  
Na solidão das herdades. . .  
Ó alma das coisas mortas!  
Eu sinto que me confortas  
Nos campos quando me invades,

Porque todo me penetras  
De ignoradas suggestões,  
De mysterios ignorados,  
Que evocam os meus cuidados  
Á flôr das minhas canções.

Á tona das minhas queixas,  
Levada de mundo em fóra,  
A minha amargura espanta  
Pelas tristezas que canta  
E as alegrias que chora.

Surgem miserias e dôres  
De entre a charneca maninha,  
E escuto as magoas doridas  
Que irrompem de tantas vidas,  
Muito mais tristes que a minha.

São infelizes que choram  
Sem terem consolação;  
Creaturas desgraçadas,  
Que vivem com sete espadas  
Cravadas no coração;

Almas sem fé, almas cegas,  
Aos tropeções pelo mundo,  
Barcos sem remos nem véllas,  
Que açoitados das procellas  
Naufragam no mar profundo.

Que é certo haver n'este valle  
De lagrimas, muita gente  
Que vae andando, sem tino,  
Á mercê do seu destino,  
Da sua sorte inclemente,

E deixa-se ir no abandono  
De forças que não reagem,  
Como no inferno do Dante,  
Por entre o horror palpitante  
D'uma tragica paisagem.

Vendo as rezes tresmalhadas,  
Nossa Senhora da Guia  
Por entre as rezes caminha  
Procurando, coitadinha,  
Toda a noite e todo o dia

Guardal-as no santo aprisco,  
Das durezas e amarguras  
Do mundo vil, e as protervas,  
Fogem-lhe em busca das hervas  
Salgadas, das pedras duras. . .

Tambem no mundo padeço;  
Mas terei a recompensa  
N'um outro mundo melhor.  
Se nunca deixar de pôr  
Em Deus os olhos da crença.

E á hora da minha morte  
Hei-de ver, de par em par,  
N'um resplendor que idealiso,  
As portas do paraíso  
Abertas para eu entrar.

Entretanto, irei na terra  
Bebendo as santas verdades,  
O simples mel das colmeias,  
Na doce paz das aldeias,  
Na solidão das herdades. . .

# AS CEGONHAS





## AS CEGONHAS

---

Em julho, as cegonhas ajuntam-se em bandos,  
Desertam dos ninhos e partem voando,  
Fugindo aos calores ;  
Acabam nos campos as ceifas ardentes,  
São mortas as relvas, as aguas dormentes  
E murchas as flôres.

Ajuntam-se em bandos, nas margens dos rios,  
Caladas, tristonhas, de aspectos sombrios,  
Até que, aos milhares,  
As azas abertas, as pernas retêzas,  
Os bicos em riste, das largas devêzas  
Se ampliam nos ares.

Onde ides tão altas, cegonhas, cegonhas,  
Buscar novos climas, caladas, tristonhas,  
Seguir novos trilhos?  
Não tendes já nada que aqui vos detenha  
Nas torres, nas faias, nas serras de lenha,  
Criados os filhos?

Criados os filhos, não tendes já nada  
Que possa prender-vos á terra sagrada  
Das varzeas risonhas;  
Por isso com elles dos ninhos partistes,  
Com elles voastes, saudosas e tristes,  
Cegonhas, cegonhas!

E até para o anno, se Deus nos der vida,  
Que o instincto da especie vos move e convida  
De novo a voltar;  
Veremos o bando que em julho nos deixa,  
Em março de volta, co'as azas em flexa  
Remando no ar!

Freirinhas cingidas de veus alvacentos,  
Fugiram, regressam de novo aos conventos  
    Na paz do Senhor,  
E havemos de vel-as a olhar como d'antes  
Curvadas, immoveis, dos altos mirantes,  
    Os campos em flôr.

Havemos de vel-as immoveis, absortas,  
À hora das régas, no fresco das hortas,  
    Em éstos sensuaes,  
A philosopharem nas coisas eternas,  
Os corpos de arminhos, e os bicos e as pernas  
    De vivos coraes.

Nas velhas egrejas havemos de vel-as  
Em extasis, graves, leaes sentinellas  
    De Deus que as protege,  
E pelos serviços que aos campos tem feito,  
Havemos de vêl-as no amor, no respeito  
    Do crente e do herege.

Nos verdes quinchosos, cegonhas, Deus dá-vos  
Em volta dos ninhos papoilas e cravos  
    E ervilhas de cheiro,  
E rosas silvestres trepando e açucenas  
Que á noite perfumam os pastos e as pennas  
    Do vosso canteiro.

Deus dá-vos, cegonhas, o gozo de olhades  
Na paz, na agonia das mysticas tardes  
    Os gados tranquillos,  
Á veia bebendo das aguas correntes,  
Emquanto se escuta, nas calmas vertentes,  
    A troça dos grillos

E a ancia das rolas e as queixas da nóra,  
Em prantos que a terra sedenta devora  
    N'um rude canção,  
As vozes do tempo, do espaço infinito,  
Que gritam confusas — « Deus seja bemdito,  
    No tempo e no espaço! »

Cegonhas, cegonhas, que nunca nos falte  
Comvosco o mais vivo, mais límpido esmalte  
    Que alegre a paisagem!  
Cá tendes o ninho na torre da ermida,  
Até para o anno, se Deus nos der vida,  
    E adeus, boa viagem!



# EGLOGA





## EGLOGA

---

### A SOLIDÃO

Pastor que passas, triste e curvado,  
Olhos nas hervas, atraz do gado,

O que fizeste d'essa alegria  
Que pelos campos cantava e ria?

Que é d'essas côres que no teu rosto  
Os soes ardentes haviam posto?

E o aprumo, a força da vida agreste,  
Pastor ingenuo, que lhe fizeste?

Foi-se a ventura risonha e calma;  
Que é do teu corpo? Que é da tua alma?

Vida entre sonhos agonisantes,  
Tão outra agóra do que era d'antes,

Que dôr, que incendio te vae tão nova  
Queimando as azas e abrindo a cova?

Brotam cantigas por esses montes,  
Cantam as aves, cantam as fontes,

Gente que passa para os trabalhos,  
Guizeiras, frautas, buzios, chocalhos,

Que o sol dardeja e a luz é tanta,  
Que toda a terra se alegra e canta,

Só tu na estrada, pastor, que levas,  
Olhas e cegam-te as densas trevas ;

Escutas e ouves em roda, apenas  
O choro afflicto das tuas penas ;

Essa que amaste morreu decerto ;  
Voou-te a alma do peito aberto

E, ave perdida por noite escura,  
Anda nos ares, doida, á procura

Da outra com que ella, por noite clara,  
No mesmo ninho se acasalara.

## O PASTOR

Essa que eu amo, quero e não vejo,  
É o carrasco do meu desejo,

O inferno, a morte da minha vida,  
Alma damnada, alma perdida

Que me atormenta, que me esphacella,  
A mim, que morro por amor d'ella!

Já não a vejo, mas sei que a amo!  
Passaro esturdio, de ramo em ramo,

Fugiu-me e eu, triste, fiquei sósinho  
No destroçado, deserto ninho.

Outro fosse antes o desenlace:  
Deus me matasse, Deus m'a levasse,

Que melhor fora e antes quizera  
Vêr-me entre as garras d'alguma fera,

A arder, aos gritos, n'uma fogueira,  
Do que n'esta ancia, n'esta canceira!

Deixou-me, foi-se com outro, e eu sigo,  
Dias e noutes a sós commigo,

Montes e valles correndo á tôa,  
Sem vêr viv'alma que se condôa

De mim, coitado, que ando sem tino  
Na selva negra do meu destino

Em busca d'essa que amo e não vejo,  
Que é o carrasco do meu desejo.

### A SOLIDÃO

Não tens remedio, pastor ceguinho,  
Segue nas trevas o teu caminho,

Que o mal que soffres só terá cura  
Na paz, no allivio da sepultura.

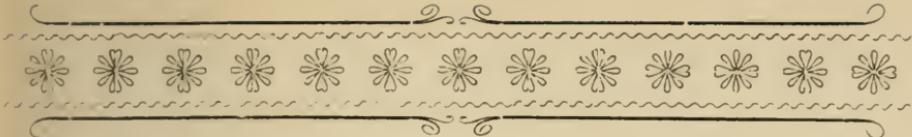
E enquanto pedes a morte, ancioso,  
Sem ter socego, sem ter repouso,

Sombra dorida de visionario,  
Irás na encosta do teu calvario

Como um phantasma, triste e curvado,  
Olhos nas hervas, atraz do gado!

# INTIMA PAZ





## INTIMA PAZ

---

Na minha casa ha saude,  
Muita paz, muita alegria ;  
Esta vida é talvez rude,  
Mas é sádia.

Não ha requintes de gosto  
Nem grandes aspirações ;  
Mas ha limpeza no rosto  
E nas acções !

A consciencia socegada  
É, sem que a muitos pareça,  
A mais commoda almofada  
Para a cabeça :

Encosta-se e dorme a gente,  
Como as creanças, sonhando,  
Sem que a dêr nos apoquente  
De quando em quando.

Aqui, na simplicidade  
Da vida agreste, procuro  
Ir de verdade em verdade  
Para o futuro,

Longe dos torvos bulícios  
Onde campeia a mentira,  
— Que entre maldades e vícios  
Mal se respira! —

Vou nas estradas soalheiras,  
Sempre evitando os atalhos,  
Fugindo assim das canceiras  
E dos trabalhos,

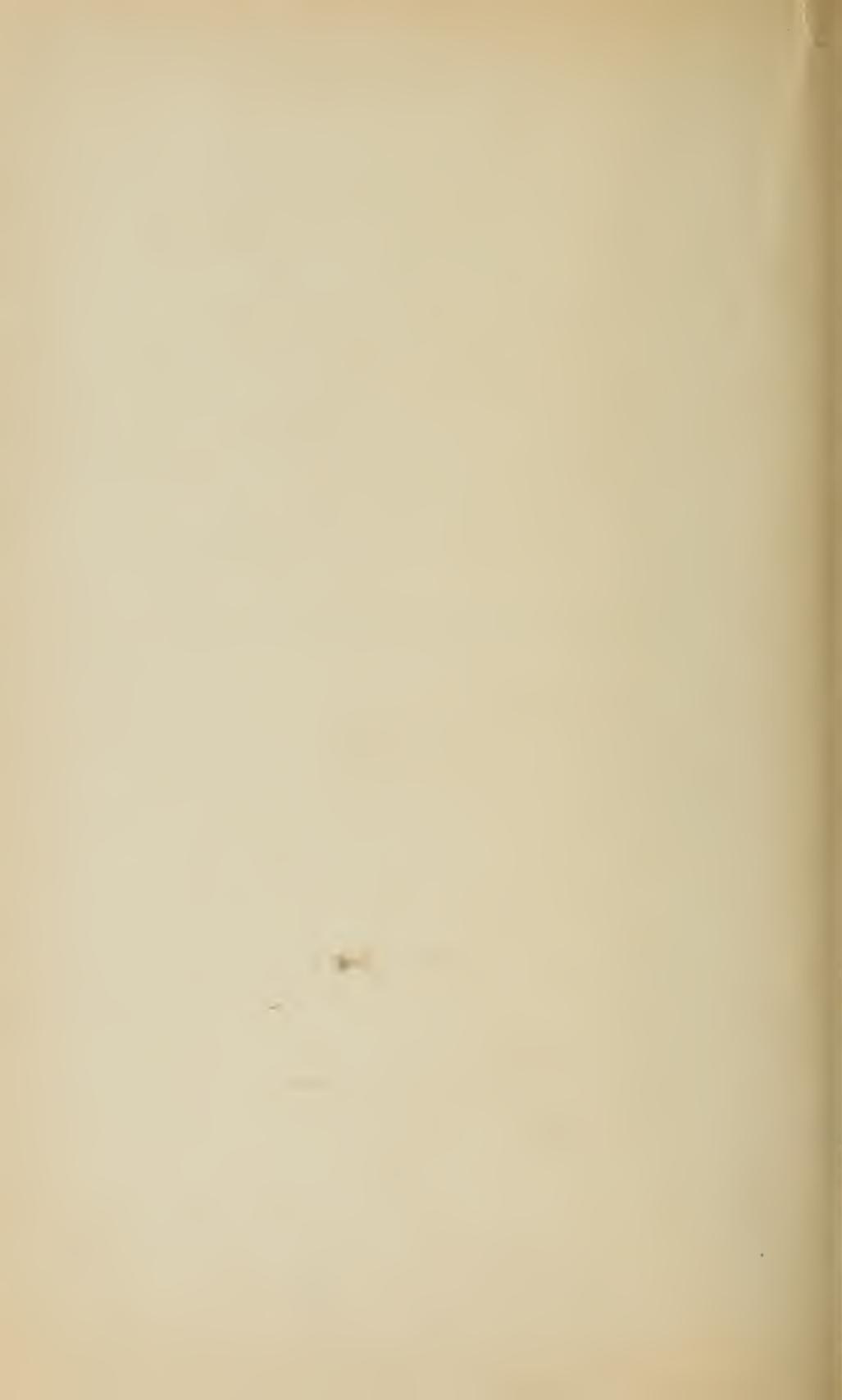
E faço a quem quer que seja,  
O bem que posso fazer:  
Ter a alma bemfazeja  
É um dever.

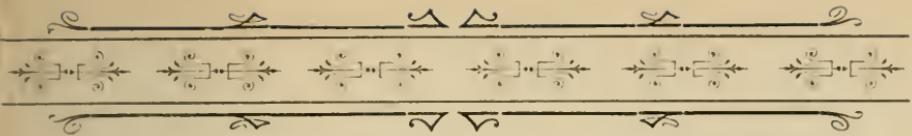
D'aquelle que me quer mal  
E tenta apagar-me a luz,  
Livro-me eu pelo signal  
Da Santa Cruz!

Foge o démo da oração  
E a luz continúia accesa...  
Tudo está na devoção  
Com que se reza!

E a quem n'esta paz se acoite,  
A vida é chão que se inflora  
E a morte, não uma noite,  
Mas uma aurora!

TRAGEDIA RUSTICA





## TRAGEDIA RUSTICA

Quando o sino batia  
As doze badaladas do meio dia,  
O trabalho parava  
E todo o bom catholico rezava,  
De cabeça inclinada e olhos no chão,  
Um padre nosso e uma ave-maria,  
Com o chapéu na mão.

Logo a seguir comia  
Avidamente, esvasiando o tarro,  
O seu magro jantar ;  
E estendendo-se ao pé d'uma azinheira  
Petiscava o fusil na pederneira,  
Accendia um cigarro  
E punha-se a fumar.

N'aquelle dia um dos ganhões — o Grenha,  
Ao largar o trabalho,  
Sem rezar nem comer,  
Toma por um atalho,  
Que atravessa o montado e que vae ter  
Á ribeira da Azenha,  
Onde lava a Rosaria, essa magana,  
Que elle ama e que o engana.

O dia está soalheiro  
E as arvores parece  
Que a natureza, que as despiu primeiro,  
Agora tem dó d'ellas e as aquece.

Pelas terras lavradas,  
Á cata das minhocas indolentes,  
Saltam subtis, contentes,  
Debicando, as arveolas delicadas.

Do azul sereno sobre os olivaeas,  
Caprichosas revoadas  
De tordos e zursaes,

Baixam, de quando em quando,  
Famintos, á procura  
Da azeitona madura.

O Grenha vae nervosamente andando,  
Sem saber ao que vae:  
Vae, porque se não fôr  
Falta-lhe o ar, e o coração no peito  
Rebenta-lhe de dôr.

—« O mal que essa maluca me tem feito  
Para me desgraçar!  
Como um cachorro andei-lhe sempre ao geito,  
Que eu não via outra luz,  
Nem tinha outro pensar...  
Engana-me e despreza-me e, — Jesus! —  
Talvez que eu vá morrer n'uma cadeia,  
Mas ha-de-m'ó pagar! »

A ribeira vae cheia,  
Nos penhascos do açude,  
Choram as quedas d'agua  
Alguma occulta magoa  
N'um choro afflicto e rude.

Enche os campos de paz e de saude  
O sol, que alegra os choupos e as sobreiras,  
E aquece os braços hirtos  
Das faias altaneiras  
Que, entre moitas de loendros  
E grandes tufos de juncaes e myrtos,  
Á margem se perfilam das ribeiras.

Em parte alguma vejo  
Dias lindos como estes do Alemtejo!  
Que frescura, que graça, que abundancia!  
Enche a gente os pulmões de ar puro e leve,  
Contemplando a distancia,  
Nos largos horisontes,  
A crista azul das rochas e dos montes.

Mas todo o sol que em jorros  
A natureza inunda,  
Entre nuvens se apaga  
Na alma do ganhão  
Onde erra, vagabunda,  
Ao vento e á chuva d'uma noite aziaga,  
Como um passaro bebado, a razão!

Junto ao pégo da Enguia,  
Braços nus, chapinhando  
Á flôr da agua corrente,  
N'uma clara alegria  
Que a voz confirma e o rosto não desmente,  
Lava a roupa cantando  
A Rosaria, e ao vel-a,  
Ninguem parece mais feliz do que ella.

É uma forte e guapa mocetona:  
Morena, tranças pretas,  
Olhos côm de azeitona,  
Travessos, sobre a bôca appetitosa,  
Negro par de captivas borboletas  
Quasi a poisar nas folhas d'uma rosa,

Amplios quadrís e os peitos,  
Fartos de andar sujeitos  
N'um comprimido arfar,  
Lembram, sob as roupinhas entre-abertas,  
Duas lebres elasticas, espertas  
E prestes a saltar!

E canta :

« Não ha peccado  
Que não tenha absolvição;  
As nodoas na roupa branca  
Vão-se com agua e sabão. . .

Quando me abraças de noite,  
Os teus braços, meu amor,  
Se os abres eu sinto frio,  
Se os fechas tenho calôr! »

— « E o diabo inda o confessa! »

Ruge a tremer o Grenha.

Ella volta a cabeça

E ao vê-lo descomposto. a voz rouquenha,

O olhar ferindo lume

De raiva e de ciume,

Pallido, atraz das silvas, indignada,

Batendo a roupa d'onde a espuma salta,

Murmura: — « Inda outra vez este marmanjo!

Não me larga . . . É de mais! Eu já te arranjo. »

E canta em voz mais alta :

« Eu tenho-te odio de morte;  
Mas rezo-te um padre nosso  
Se te atirares ao pego  
Com uma pedra ao pescoço.

« O meu rapaz é valente;  
Olha lá se o descompões. . .  
Nossa Senhora me livre  
De maltezes e ganhões. »

O Grenha cerra os punhos, range os dentes,  
É um homem perdido,  
Corre doido. Entrementes,  
Rosaria põe-se em pé e ameaçadora  
Diz-lhe: — « Toma sentido  
Deixa-me, vae-te embora. . .  
Olha que eu grito! »

— « Grita, alma damnada, —  
Ruge feroz o Grenha. — Não ha nada  
Que nos possa salvar. Agora és minha,  
De mais ninguem! » E agarrando-a com força,  
Como um lobo a cevar-se n'uma corça,  
Aperta-a, morde-a bestialmente, e ella

Lucta, procura desprender-se, brame  
N'um desespero horrível, braço a braço,  
Peito a peito, espumante . . . Mas o infame,  
    Sentindo-lhe o canção,  
N'um derradeiro impulso herculeo, cego,  
Ergue-a e atira-se com ella ao pégo.

.....

    É sol posto. Os montados  
Carregam-se de sombra. A tarde esfria.  
Vão lentamente recolhendo os gados.  
No religioso declinar do dia  
Tomam as coisas lugubres aspectos,  
    E á vaga meia luz  
Contorcem-se no ar os esqueletos  
    Dos arvoredos nus.  
    Soam pelos atalhos  
Cães a ladrar, balidos e chocalhos  
N'um concerto monotono de ruidos,  
Que entre as formas, as côres, os aromas  
    E a paz da natureza,  
Enchem de unção e languida tristeza  
    A alma e os sentidos.

.....

Na ribeira da azenha,  
À flôr do pégo, unidos e pasmados,  
Boiam dois corpos hirtos, agarrados:  
É a Rosaria e o Grenha.



MOÇAS DE BENCATEL





## MOÇAS DE BENCATEL

---

Ó moças de Bencatel,  
Não vos zangueis se vos ralho:  
Muito amor, pouco trabalho;  
Pouco trigo, muito mel;  
— Fiae-vos no que vos digo  
E não fiqueis mal commigo,  
Ó moças de Bencatel —  
Para vós, para a lavoura,  
Tomae tento, melhor fôra  
Muito trigo e pouco mel.

Vejo terras de pouzio,  
Que andaram sempre lavradas,  
Todas cobertas de flores ;  
Mas quando chegar o frio  
E passarem os calores,  
E as chaminés apagadas  
E as camas sem cobertores,  
Mal irá ás namoradas  
E peor aos lavradores.

Funçanatas e derriços,  
Cantigas e pasmaceiras,  
Fazem fugir aos serviços  
E faltar ás sementeiras :  
Eis porque estão os cortiços  
Abarrotados de mel  
E estão desertas as eiras,  
Ó moças de Bencatel.

Como abelhas, as cantigas,  
Por entre moitas e brejos,  
Fabricam favos de beijos  
Nas bôcas das raparigas,

E os mocetões das aldeias,  
Sem canceiras nem cuidados,  
Largam ancinhos e arados  
Para crestar as colmeias . . .

Ó moças de Bencatel,  
Vós tendes as bôcas cheias . . .  
Acautelai-vos, senão  
Haveis de ficar sem mel,  
Sem maridos e sem pão !



# A CEIA





## A CEIA

No monte, em volta do lume  
Onde a lenha verde estoira  
E a chamma alegre se ateia,  
Sentam-se, á hora da ceia,  
Os creados da lavoira.

Que pelos campos desertos  
De charnecas e montados,  
De estevas e rosmaninho,  
Sahem ladrões ao caminho  
E andam lobos esfaimados.

No alpendre, um pobre de Christo  
Que não tenha eira nem beira,  
Se os pede, encontra agasalho  
De noite, e arranja trabalho  
De dia na sementeira.

Fogem da faina os maltezes  
Que gostam da vida airada  
E andam nos montes *á pida*,  
Porque é sempre a melhor vida  
Comer e não fazer nada.

Ladram os cães nos apriscos,  
Á noite, de guarda ás rezes,  
E se os cães ladram, é certo  
Que sentem por alli perto  
Lobo, raposa ou maltezes.

Portas a dentro do monte,  
Eis um serão bem passado  
Que a alma alegre e consola:  
O velho Braz toca viola,  
O Zé ganhão canta o fado.

E as miserias e as desgraças  
Vibram, com ais á mistura,  
Do ganhão na voz rouquenha ;  
Fustiga o mal e desdenha  
Do bem, que tão pouco dura.

Lampejam na cantareira  
Os arames e os estanhos ;  
Perfilam-se em baixo, sobre  
Poiaes, azados de cobre  
Que não ha outros tamanhos.

A açorda, — que cheiro a coentros! —  
Nas barrinhôas fumega :  
Cada qual miga o seu pão ;  
Ao fundo as moças estão  
Rindo, entre as portas da adega,

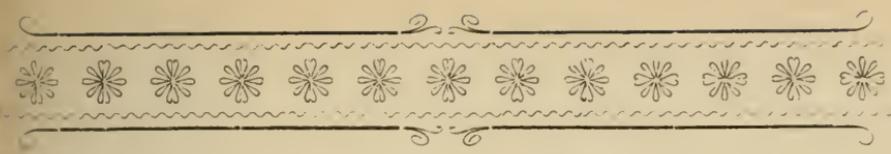
Emquanto a feitora ralha  
De as ver em tal pasmaceira,  
Que se ella não as vigia,  
Lá se vão a amassaria  
E os trabalhos da queijeira.

Ceiam. Em pouco a ventura  
Da pobreza se resume;  
Por isso, muito os deleita  
Uma açordinha bem feita,  
Comida em roda do lume.

Dão graças a Deus; depois  
Vão dormir em santa paz.  
Enche-se o monte de somno . . .  
Até dorme, ao pé do dono,  
A viola do velho Braz!

CANÇÕES DAS ROSAS





## CANÇÕES DAS ROSAS

---

Rosas d'abril! Cada rosa  
É uma bôca viçosa  
Que se abre para cantar  
Canções que a alma, com ellas,  
Tem de subir ás estrellas,  
Para as poder escutar!

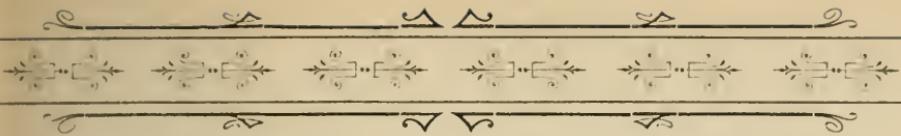
Sobe em revoadas de versos,  
Presas aos aromas dispersos  
Que são as vozes das flôres...

.....  
Só ouvem cantar as rosas,  
As tristes almas anciosas:  
Os poetas e os sonhadores.



SERENATA  
A NOSSA SENHORA





## SERENATA A NOSSA SENHORA

---

Manel das Hortas, o cantador,  
Cantando vae por onde quer que fôr...  
Tem natureza de rouxinol :  
Canta a tristeza, canta a alegria,  
Canta de noite, canta de dia,  
Desde o nascer até ao pôr do sol!

Canta nas festas, canta nos mastros,  
Olhos no ceu sob um chuveiro d'astros,  
Mãos na guitarra, que geme e chora...  
É a alma, a vida dos bailaricos;  
Vão atraz d'elle pobres e ricos,  
Se vae cantando pelas ruas fóra.

Espadaúdo, vermelho e forte,  
Já fez vinte annos, vae tirar a sorte,  
Foi apurado na inspecção ;  
Se a sorte falha, que desgraçado!  
Adeus, ó moças, será soldado  
E ha-de ir á guerra como os outros vão.

Deixará tudo; valles e montes,  
O rir das aves e o chorar das fontes,  
Dos vastos campos a beãtitude,  
As serenatas e as romarias,  
Pelas casernas negras e frias  
E pela farda empertigada e rude.

Alma de poeta, simples e boa,  
Alma com azas que entre sonhos voa  
Nos esplendores da eterna graça,  
Nossa Senhora se lembre d'ella,  
D'essa alma clara como uma estrella,  
Que brilha, canta ingenuamente, e passa...

Nossa Senhora das Vidigueiras,  
Que cura o gado e acode ás sementeiras,  
Amparo e guia dos lavradores,  
Acolhe e escuta, compadecida,  
O pobre que entra na sua ermida  
Para contar-lhe as aflições e as dôres.

Se a fé é viva, se a crença é pura,  
Toda a tristeza e toda a desventura  
É pesadelo que se desfaz;  
Que a Virgem Santa, baixando os olhos,  
Démuda em rosas cardos e abrolhos  
E os peitos enche de ternura e paz.

Manel das Hortas promette que ha-de,  
Se ficar livre, atravessar a herdade  
E vir á porta da sua igreja,  
Sósinho, á noite, submisso e crente,  
Dizer-lhe em trovas tudo o que sente,  
Que o oiça ella e ninguem mais o veja.

Manel das Hortas cumpre a promessa:  
Livre, alta noite os campos atravessa,  
E a voz erguendo junto ao cruzeiro,  
Ao som da banza que em dôr convulsa  
Lhe agita o sangue que ferve e pulsa,  
Canta este canto ingenuo e verdadeiro:

« Senhora d'olhos clementes,  
Mãe dos tristes, mãe dos crentes,  
Que ergues teus olhos ao ceu,  
Ai! volve-os, repletos d'astros,  
Aos que te contam de rastros  
As penas que Deus lhes deu.

Senhora dos pés ungidos,  
Amparo dos desvalidos,  
Por onde quer que caminhas,  
São as pedras mais amenas  
Que as folhas das açucenas  
E os peitos das andorinhas!

Senhora das mãos bemditas,  
Lança nas almas afflictas  
Bençãos em lirios e rosas,  
Tu, que á miseria te inclinas,  
Senhora das mãos divinas,  
Senhora das mãos piedosas !

Senhora dos labios puros,  
Que por caminhos escuros  
Sorrís ao que anda perdido  
E o levas, preso no encanto  
Das estrellas do teu manto,  
Do clarão do teu vestido ;

Senhora que não descanças,  
Que adormeces as crianças,  
Á noite, nos descampados,  
Tua voz salva e redime  
Os que na vasa do crime  
Vacillam desamparados !

Nada posso e nada valho;  
Sou novo, canto e trabalho;  
Sou pobre, dou-te o que tenho:  
Nas trovas simples que eu canto,  
Dou-te o meu sangue e o meu pranto  
Em paga do teu empenho.

Sopro a sopro, a minha vida,  
Quizera dar-t'a embebida  
Nos perdões do teu olhar;  
E no sonho em que me embalo,  
O coração, arrancal-o  
Do peito para t'o dar!

Quizera a alma depôl-a,  
Mansinha como uma rola,  
No ninho do teu regaço;  
E esse amor em que me abrazas,  
Erguel-o, batendo as azas,  
P'ra te cantar pelo espaço,

E ver, n'um sonho florido,  
Da barra do teu vestido  
Brotar roseiras em flor,  
Cujo aroma se exhalasse  
Por onde quer que passasse  
Nas ruas o teu andor!

Senhora, cheia de graça,  
O olhar de Deus esvoaça  
No encanto do teu sorriso;  
Ai! leva-me, Virgem pura,  
Pela rua da amargura  
Às portas do paraíso.

As contas do teu rosario,  
Choraste-as tu no calvario  
E transformaram-se em estrellas;  
Rezam por ellas, anciados,  
Os tristes, os desgraçados,  
E eu quero rezar por ellas.

Senhora das Neves, lança  
Sobre mim bençãos d'esp'rança,  
Bençãos de paz e de amor!  
Torna, senhora das Neves,  
As minhas penas mais leves  
E o meu destino melhor!»

.....

Manel das Hortas cahiu por terra.  
As crenças vivas que a sua alma encerra  
Deram-lhe o extase, a illusão,  
E immovel, hirto, nem pestaneja,  
Olhos em fogo fixos na igreja,  
Espera ancioso... Sente-se um trovão;

Abrem-se as portas, de par em par;  
Nossa Senhora, ao fundo, sobre o altar,  
Surgiu risonha n'um mar de luz,  
E erguendo os olhos e erguendo o braço,  
Cheia de graça, traçou no espaço  
N'um gesto simples o signal da cruz!

O SENHOR MORGADO





## O SENHOR MORGADO

---

O senhor Morgado  
Vae no seu murzello,  
Todo empertigado.  
É um gosto vêl-o,  
Prospero, anafado,  
Véstia alemtejana,  
Calça de riscado :  
Homem d'uma cana !  
Vai, todo se ufana  
De ir tão bem montado  
E ella na janella. . .  
Seja Deus louvado !

O senhor morgado  
Vai nas proprias pernas,  
Todo bandeado ;  
Tem palavras ternas  
Para cada lado.  
Quando passa, sente  
Que é temido e amado ;  
Falla a toda a gente,  
Topa um influente :  
«Sou um seu criado. . . »  
Eleições á porta,  
Seja Deus louvado!

O senhor morgado  
Vae na sege rica  
Todo repimpado :  
Ai que bem lhe fica  
O chapéu armado,  
E a commenda ao peito  
E o espadim ao lado!  
Que homem tão perfeito!  
Deputado eleito,  
Muito bem votado,  
Vae para o *Te-Deum*,  
Seja Deus louvado!

# OS CIGANOS





## OS CIGANOS

Em marchas lentas, estropeadas,  
Aos solavancos pelas estradas,

Cheios de andrajos e de lazeira,  
De monte em monte, de feira em feira,

Sob as faíscas do sol ardente,  
Vão os ciganos, tranquillamente.

Vão em magotes, em caravanas,  
Por entre as choças e as arribanas,

Pelas charnecas, pelos valados,  
Olhos em fogo, rostos tismados.

Magros fantasmas da vida errante,  
Quando elles surgem, perto ou distante,

De toda a parte se erguem clamores:  
Rogam-lhes pragas os lavradores,

E contra o bando roto e esfaimado,  
Ladram, investem os cães de gado.

Mas os ciganos são mais matreiros,  
Que os lavradores e que os rafeiros:

Raça dispersa de maltrapilhos,  
Passam com bestas, femeas e filhos,

Supportam pragas, chufas, maus tratos,  
Soffrem insultos e desacatos,

Imploram, gemem, fingem-se doentes,  
Têm artimanhas e expedientes,

Até que ao termo de taes canceiras,  
Á sombra antiga das asinheiras,

Encontram sempre paz e repouso,  
Sob a ampla benção do ceu piedoso.

É dura a terra que vão pisando,  
Sentem revoltas, de quando em quando,

Nas incertezas d'um rumo vario,  
Contra as agruras do seu fadario. . .

N'uma penuria faminta e reles,  
Olham os campos que não são d'elles,

Frescas alfombras, nédias manadas,  
Vinhedos, hortas, eiras pejadas,

Riqueza em barda, sorte ás mancheias  
Abarrotando vidas alheias.

E, ó homem rico! tu tem cautella,  
Que a ciganagem não se rebella

Contra o destino que é deshumano,  
Sem te dar perdas ou causar damno.

Nunca lhes negues esmola e abrigo:  
Senão, montados, medas de trigo,

Alpendres, choças, serras de palha,  
Afóra o caso que Deus te valha,

Has-de ver tudo, se os maltratares,  
Lambido em chammas por esses ares.

E ovelhas, cabras, chibatos, anhos,  
O melhor que haja nos teus rebanhos,

As tuas eguas, os teus cavallos,  
Se te descuidas, hão-de roubal-os,

E hão-de vendel-os, raça embusteira,  
De monte em monte, de feira em feira,

.....

Almas sem crenças, que andaes á tôa,  
Sem ter no mundo quem se condôa

Da vossa sorte rude e mesquinha,  
Que ideal, que sonho vos encaminha?

Onde ides, almas desamparadas,  
Almas penadas, pelas estradas,

Almas dispersas, almas errantes,  
Em corpos toscos e extravagantes?

De que paizes do extremo oriente  
Vindes trazidos pela corrente

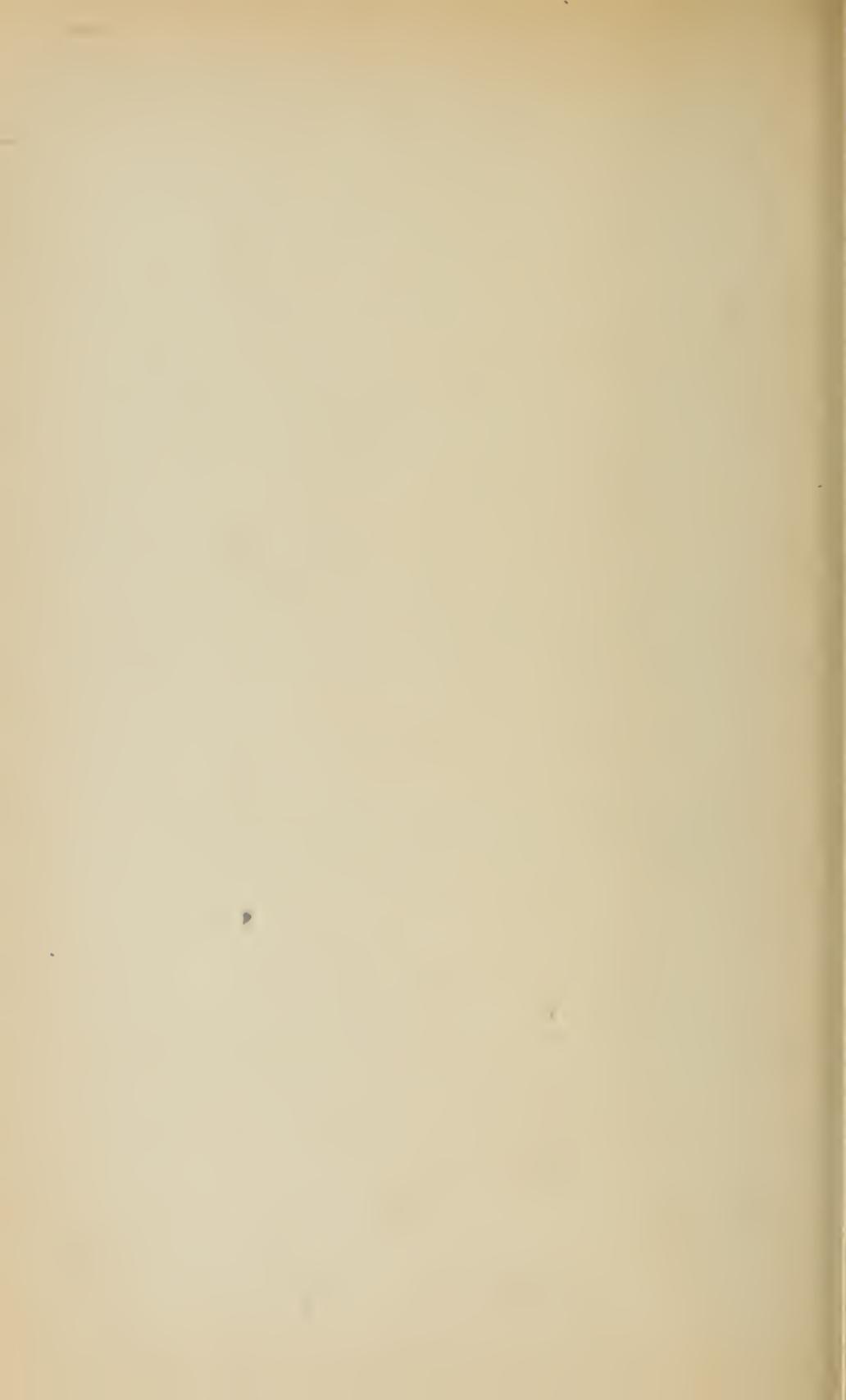
Da mais sombria fatalidade?  
Qual é, ciganos, a vossa idade?

Ninguém o sabe, nem vós sabeis  
D'onde é que vindes e onde é que ireis.

Andaes aos tombos, aos solavancos  
Pelas charnecas, pelos barrancos,

Incendiando, roubando, e quando  
A morte ás vezes vos fôr ceifando,

Tereis na terra paz e repouso,  
Sob a ampla benção do ceu piedoso !



AO REBENTAR DAS SEIVAS





## AO REBENTAR DAS SEIVAS

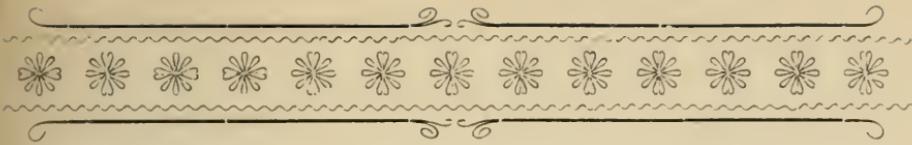
---

Vem depressa, ó primavera,  
Que estamos á tua espera!  
Vejo dispostos os teares  
E armados os bastidores,  
Que são para tu bordares  
A oiro do sol e a cores,  
Charneças, varzeas, pomares,  
Arvores novas e velhas,  
De folhas verdes e flôres,  
Que dão o mel ás abelhas  
E a alegria aos lavradores . . .  
Vem depressa, ó primavera  
Que estamos á tua espera!



# OS BEBADOS





## OS BEBADOS

---

Os bebados passam cantando nas ruas  
Desertas da aldeia;  
Recebem contentes ao sabbado as jornas,  
E vão derretel-as á bôca das dornas,  
De noite, nas tascas, á luz da candeia.

Em chusmas, unidos, é vêl-os no escuro  
— Que até fazem dó! —  
Espectros da fome, sahir das tavernas,  
Borrachos, cantando, cambadas as pernas,  
Os olhos mortiços e as bôcas em ó.

Um canta em voz alta; respondem-lhe os outros,  
E cresce, enche o ar  
Um côro arrastado, soturno, indolente,  
E a alma do povo, parece que a gente  
A sente cá dentro do peito a chorar!

Trabalham, moirejam de dia, e á noite,  
Coitados, lá vão,  
Fugidos á gleba, libertos do ançinho,  
Embora haja fome, beber, porque o vinho,  
Alegre e é por isso melhor do que o pão.

Nas praças desertas abraçam-se em grupos,  
Meu Deus, que tristeza!  
E os braços lhes pezam mais leves nos hombros,  
Que o lenho das dôres, por esses escombros  
Dos rudes calvarios, nòs hombros lhes pesa.

Os bebados choram nas noites caladas,  
Cantando em segundas,  
As queixas doridas, os ais e os lamentos  
Que ás vezes se escutam na leva dos ventos,  
Na voz, no marulho das aguas profundas.

O genio das coisas soluça n'aquellas

Tristezas occultas,

E os tristes borrachos, cantando nas praças,

Sugerem tragedias, acordam desgraças

Que, ó genio das coisas, na treva sepultas!

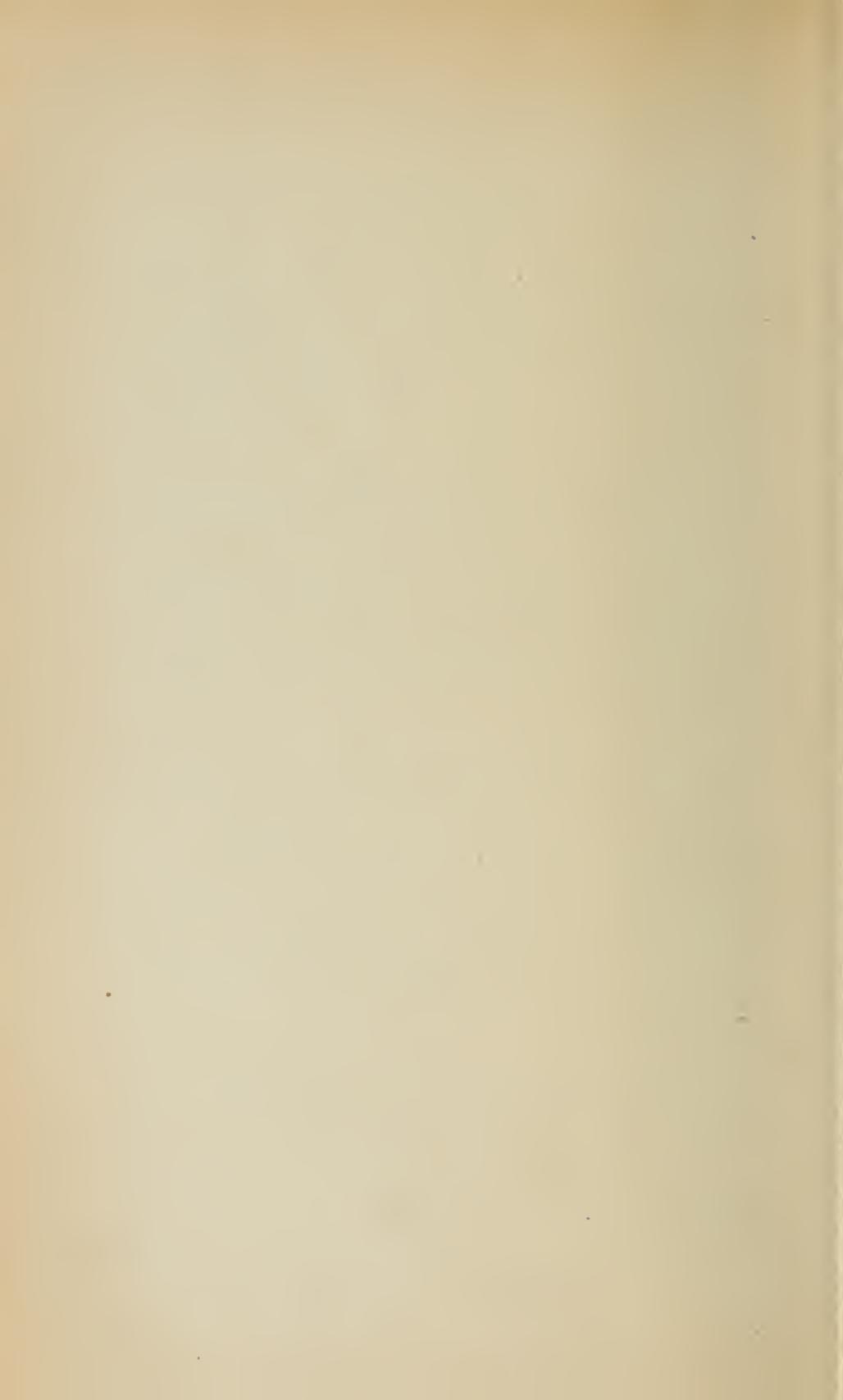
Um canta em voz alta, respondem-lhe os outros,

E cresce, enche o ar

Um côro arrastado, soturno, indolente,

E a alma do povo, parece que a gente

A sente cá dentro do peito a chorar!



INVERNO





## INVERNO

---

Janeiro vae correndo agreste:  
Campos desertos, encharcados;  
O sopro agudo do nordeste  
Regela o sangue e em furia investe  
Contra as piteiras dos vallados.

O fumo sobe dos telheiros  
E a nevoa tolda os azinhaes,  
Como farrapos de ligeiros,  
Veus nupciaes.

Olmeiros nus, faias esguias,  
De braços hirtos para o ar,  
Que occultas magoas, que agonias  
Mudas ás mudas penedias,  
Quereis e não podeis contar!

Por entre as rochas, rudemente  
Descem chorando as aguas turvas  
D'uma ribeira anciosa, em curvas  
De serpente.

Os lobos passam nas aldeias,  
A farejar magros, hirsutos.  
As arribanas que estão cheias :  
Ladram-lhe atraz, em alcateias,  
Os cães de guarda resolutos.

Em choças frias, sem resguardos,  
Como nas tocas os coelhos,  
Os aldeões tremem nos velhos  
Gabinardos.

A fome aperta. O jornaleiro,  
Chove e não pode trabalhar;  
Já não tem pão, nem tem dinheiro,  
Ouvem-se pragas n'um pardieiro,  
E creancinhas a chorar.

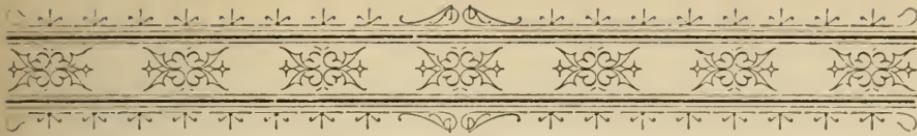
Raio de vida! A sepultura  
É menos fria e menos dura  
Porque os acolhe em santa paz...  
Vão para a vida os que têm sorte,  
Os que a não têm vão para a morte:  
Deus é que os faz e que os desfaz.

Ai, somno eterno! Os mais felizes  
São os que a terra já consome:  
Sustentam vermes e raizes,  
E não têm frio e não têm fome!



NATAL





## NATAL

---

Natal frio. O vento sopra  
    Desordenado,  
A agua gela nos póços,  
E o nevoeiro cerrado  
Cega a vista e emperra os ossos.

O mar esfarrapa as ondas  
    Nas penedias,  
As faias levam açoites:  
Noites rudes como os dias,  
Dias negros como as noites.

Pelas gargantas das serras  
Encarquilhadas,  
Tragando muros, lavouras,  
Gados, troncos, as levadas  
Despenham-se ameaçadoras.

Mez de dezembro: horas brancas,  
Horas de neve,  
As plantas têm arrepios  
E o orvalho, muito ao de leve,  
Chora dos ramos esguios.

Na igreja dá meia-noite,  
Repica o sino . . .  
Depois da missa do gallo,  
Beija-se o pé ao menino,  
E o povo corre a beijal-o.

O altar flammeja entre flôres;  
Junto ao bercinho,  
Sorrindo á gente que passa,  
Lá está guardando o seu ninho,  
A virgem cheia de graça.

Toca o orgão: que ternura  
    Nos olhos d'ella,  
Vendo o filhinho deitado  
Dentro da sua capella,  
Gordinho, branco, rosado.

Pobres e ricos do mundo,  
    Todos lá vão,  
Levar-lhe velas e flôres;  
Cahem, fazendo oração,  
De joelhos os pastores.

Na rua, meu Deus, que frio  
    E que negrume!  
Mas nos casebres da aldeia,  
Se ha frio. que lindo lume,  
Se ha fome, que bôa ceia! •

Creanças, de porta em porta,  
    Sob as gotteiras,  
Geladas, — que desatino! —  
Andam cantando as janeiras,  
Em louvor do Deus menino.

« Lá vae, lá vae, raparigas,  
    Já mal podeis  
Cantar, rouquinhas as vozes,  
Repletos os saquiteis,  
De fructas, passas e nozes! »

Corre que Nossa Senhora  
    Desce do altar  
E vai, em sonhos doirados,  
Dar o menino a beijar  
Aos presos e aos entrevados.

Leva-o nas dobras do manto,  
    Chegado ao peito,  
Por causa do temporal,  
Com todo o amor, todo o geito  
D'um coração maternal.

Mas como a voz d'um propheta,  
    O vento norte,  
Por onde quer que elle passa,  
Entoa pragas de morte  
E lamentos de desgraça.

E a Virgem sente afflictivos  
Presentimentos,  
E escuta vozes aziagas,  
A d'ella n'esses lamentos,  
E as dos judeus n'essas pragas.



A EXTREMA UNCCÃO





## A EXTREMA UNCCÃO

---

### I

O cortejo que leva a extrema-uncção,  
Vae triste e vae calado ;  
Calado e triste o povo agglomerado ;  
Triste e calado o padre e o sachristão.

Turba-multa de sombras vacilantes,  
Parece deslisar  
Absorta nos magoados cambiantes  
Da luz crepuscular.

Foi tambem n'uma tarde assim tranquilla,  
Que eu tive minha mãe julgada morta,  
E o viatico, atravessando a villa,  
    Entrou a nossa porta.

Mas o povo cantava atraz da umbella,  
    E ao vir-se approximando,  
Assomavam com luzes á janella,  
    As mulheres cantando ;

Cantavam o bemdito de joelhos  
    E a tremerem, coitados,  
Na rua, á porta dos quintaes, os velhos  
    Torcidos e mirrados ;

Á frente retinia a campainha  
    Em soluços no ar . . .  
Morte negra, ai de nós ! que se avisinha,  
    No ar a soluçar !

O cortejo que leva a extrema-uncção  
Vae triste e vae calado ;  
Calado e triste o povo agglomerado ;  
Triste e calado o padre e o sachristão !

O padre é novo e natural da aldeia,  
Conhece-o toda a gente ;  
Mandou-o o Senhor Bispo, e casualmente  
Faz hoje a sua estreia.

O João da Luz tem uma filha, e é ella  
Que está a agonisar,  
Delgada e branca assim como uma vela  
Que ardeu, ardeu e se apagou no altar.

O padre novo disse a missa nova,  
E a triste, n'esse dia,  
Resignada enterrou na mesma cova  
A saude e a alegria.

E foi-se aos poucos definhando, e agora  
    Não ha remedio, adeus . . .  
Se a gente apaga uma candeia, Deus  
    Pode apagar a aurora.

É por isso que vae triste e curvado  
O padre, e em vão procura  
    Apagar da lembrança  
O espectro que das brumas do passado  
    Sinistramente avança!

Se elle pudesse, a consciencia pura,  
    Humilde e sem paixão,  
Áquella desgraçada creatura  
    Levar á extrema-uncção ;

Alma limpa, mãos limpas, ir depôr  
Os santos oleos n'esse corpo enfermo,  
Sentindo o coração tranquillo e ermo  
    D'um tão funesto amor!

Se pudesse esquecel-a,  
Derruir na memoria  
Essa risonha quadra transitoria,  
Trecho de vida deliciosa e bella,  
Ao longe intercalado  
Na sombria aridez do seu passado!

Mas tudo, á proporção que vae andando,  
Por onde quer que passa,  
Vilmente lhe espicaça  
O corpo miserando;  
Debalde invoca Deus, que o não escuta,  
E a Virgem, que o despreza n'essa lucta.

Como então, embriagam-lhe os sentidos  
As mesmas cousas que com ella d'antes  
Amara tanto! Sítios preferidos,  
Valles, encostas, arvôres distantes,  
As rochas e os outeiros . . .  
Lá voltam do trabalho os jornaleiros  
Cantando atraz dos bois;  
N'aquella pedra, ao pôr do sol, um dia,  
Abraçados os dois . . .  
— «Perdoai-me, Jesus! Virgem Maria,  
Valei-me por quem sois!»

Mas isso sim! Pelos caminhos fóra,  
Por entre as sebes que o relento esfria,  
Tudo o que d'antes lhe cantava e ria,  
Empallidece e chora!

Fôra alli, no pendor d'aquelles serros,  
Na primitiva paz d'esses montados,  
Que d'entre a terra inculta dos seus erros,  
Nascera o cardo vil dos seus peccados.

Se em fins d'abril a natureza é rica,  
E uma erupção de flôres  
Dilue por toda a parte as sete côres  
Que o sol, o grande chimico, fabrica,  
Qualquer casal acha o seu ninho feito  
Quando está verde o pasto  
E a tarde se incendeia em rosiclêres;  
Não ha mais doce e perfumado leite:  
Uma enxerga de folhas de mentrasto  
Coberta com lençoes de malmequeres.

Foi alli que, olhos fitos nos seus olhos,  
    Bôca na sua bôca,  
A carne em flor amortalhara a louca  
    N'um sudario d'abrolhos.  
'Inda lá estão os cedros inclinados  
    E as moitas d'alecrim...  
Parece que foi hontem! Abraçados...  
— «Jesus! Ó Virgem, mãe dos desgraçados,  
    Tem compaixão de mim!»

O outomno, que vae aspero, desnuda  
    A charneca maninha;  
Ai, tudo soffre e sécca e se desfinha  
    N'uma tristeza muda!

Vão por montes e valles,  
Aos repelões do vento, as folhas soltas;  
Partiste, juventude, e já não voltas!  
Ordena-te o destino que te cales...  
O teu amor é criminoso, vence-o!  
Silencio, alma de clerigo, silencio!

O cortejo que leva a extrema-uncção,  
Vae triste e vae calado ;  
Calado e triste o povo agglomerado ;  
Triste e calado o padre e o sachristão.

## II

No seu pequeno catre de solteira,  
Essa pobre mulher inda tão nova,  
Dorme, coitada, a noite derradeira ;  
Que a d'amanhã vae já dormil-a á cova.  
Mal respira, está fria, cae-lhe a neve  
Da eterna escuridão nos membros hirtos . . .  
Ó morte, os teus segredos, como deve  
Ser bom na hora derradeira ouvir-t'os!

Não vê, nem ouve, em tão mesquinha sorte ;  
Esse martyrio atroz,  
Poupou-lh'o Deus, que Deus sempre na morte  
Tem compaixão de nós.

Chora a um canto, n'um silencio amargo,  
De joelhos, a mãe d'ella;  
A dôr é grande, o coração é largo,  
Mas custa-lhe a contel-a.

O pae, esse fugiu, não poude mais!  
São mais fracos os paes,  
Se a desgraça lhes vem bater á porta.  
Anda talvez por esses matagaes,  
Por essa noite escura, aos ais, aos ais,  
Vendo por toda a parte a filha morta!  
Fugiu, não poude mais!

De tanta formosura eis o que resta!  
A doença ninguem poupa.  
Quem a está vendo pensa: não é esta;  
Morre, tão deformada e tão magrinha,  
Que a gente mal o corpo lhe adivinha  
Por debaixo da roupa!

O padre vae-a ungingo, e a cada unção  
Esconjura o demonio, mas em vão,  
Que o sente e escuta, eterno peccador,  
A soluçar, — que horror! —  
No proprio coração!

As unções purificam-lhe os sentidos:  
— «Perdoae-lhe os peccados commettidos,  
Senhor, a carne é fraca;  
Se um mal eterno as almas desgoverna  
Durante a vida, ha a clemencia eterna  
Que as coleras aplaca!»

Quando o unge no peito, o pensamento  
Grita-lhe sem piedade; que tormento!  
Ó peito que elle tanta vez beijara!  
Ó carne quente, palpitante e clara!  
E aquella ancia de amor! . . . — «Jesus, soccorro!  
Se me não vales, desfalleço e morro!»

Ao terminar a uncção já não se ouvia  
O flébil arquejar d'essa agonia ;  
Illumina-lhe os labios um sorriso  
A derradeira lagrima resvala . . .

Anjos do paraiso,  
Já podeis vir buscal-a !

## III

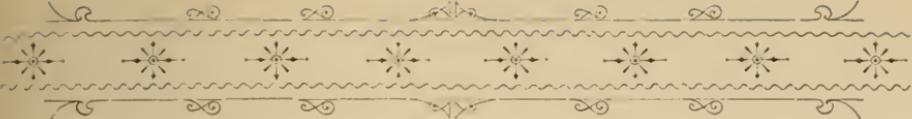
Noite fria d'outomno. Mal se enxerga ;  
Caminha-se ás escuras ;  
Rescende a terra, cheira a sepulturas ;  
Coaxam rãs nas aguas estagnadas ;  
Ergueu-se um vento ríspido, que verga  
Os choupos das estradas.

E o cortejo ao voltar da extrema uncção,  
Vem triste e vem calado ;  
Calado e triste o povo agglomerado ;  
Triste e calado o padre e o sachristão . . .



AD PETENDAM PLUVIAM





## AD PETENDAM PLUVIAM

---

Tlão! tlão! tlão! tlão!  
Vae pelos campos  
A procissão.  
Que Deus mande agua  
Por compaixão:  
Desmaia a vinha!  
Mirra-se o pão!  
E a terra é sêcca  
Como um carvão!

O povo leva  
Com devoção  
Nossa Senhora  
Da Conceição,  
De monte em monte,  
Por onde estão  
Velhos de rastos,  
Olhos no chão,  
E as mãos cruzadas  
Em oração.

Choros e rezas  
Foi tudo em vão;  
Nossa Senhora  
Quiz procissão!  
Ella tem tudo  
Na sua mão;  
É quem mais manda  
No céu christão;  
Vamos ter chuvas  
Até mais não...  
Não acreditam?  
Verão, verão!

Dobram os sinos  
Tlão! tlão! tlão! tlão!  
Foguetes, bombas,  
Que reinação!  
Padres de estola  
Mascando vão  
Latim na solfa  
Do cantochão,  
E o incenso, em nuvens  
Pela amplidão,  
Cheira que é uma  
Consolação!

O padre Vasco  
Prégou sermão  
Contra a notoria  
Devassidão;  
Calor na igreja,  
Muito apertão,  
Desmaios, gritos,  
Ai, que afflicção!  
Se isto é castigo,  
Se é maldição,  
Deus nos acuda,  
Perdão, perdão!

Por entre as cearas  
A multidão  
Vae murmurando :  
«Perdão, perdão!»  
E o prior velho  
Levanta a mão,  
E agita o hyssope  
Da remissão  
Com agua benta  
Cuja aspensão  
Orvalha o trigo  
Mais o feijão.

E a Virgem Santa  
Da Conceição,  
Manto de seda,  
Brincos, grilhão,  
Anneis de pedras  
De estimação,  
Laços e flores  
Em profusão,  
Lá vae sorrindo  
Com tal unção,

Com tanta graça,  
Tanta expressão,  
Que todos crêem  
Sem distincção,  
Que vão ter agua,  
Que vão ter pão!



NO MONTE





## NO MONTE

---

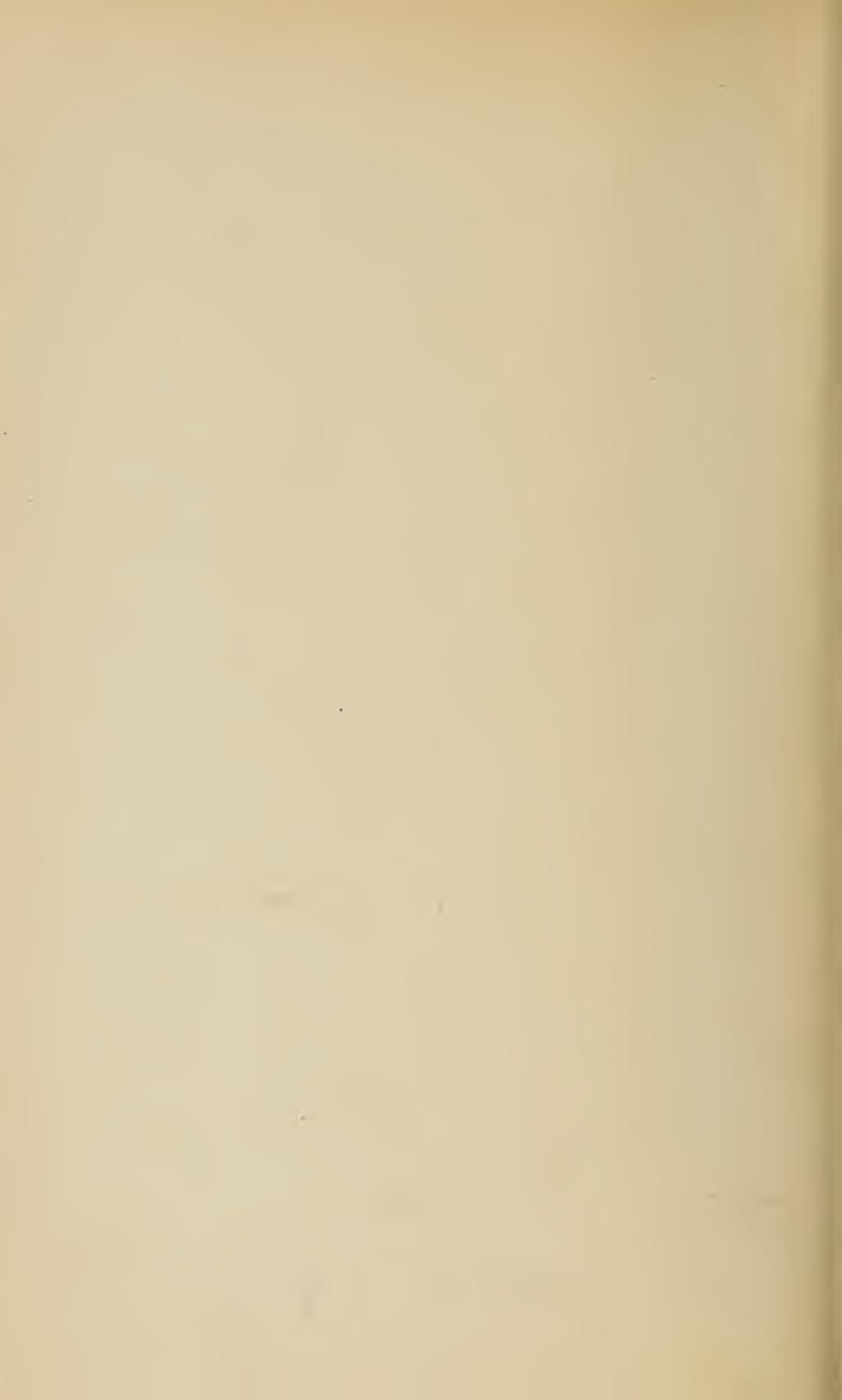
No monte, o lavrador, cançado da labuta  
Do dia que passou, monotono, uniforme,  
São oito horas, ceou, recolheu-se e já dorme,  
Feliz por ver medrar as terras que disfructa.

A lavradora não; activa e rosoluta  
Moireja até mais tarde e descança conforme  
A faina lh'o consente e a barafuñda enorme  
De homens e de animaes que em derredor se escuta.

Mas a filha, que tem vinte annos e que sente,  
Nas solidões da herdade, a alma descontente  
E o sangue a referver n'um sonho tresloucado,

Encosta-se á janella; ouvem-se as rãs e os grilos;  
E os olhos de azeviche, ardentes e tranquillos,  
Ficam-se horas a olhar as sombras do montado...

A CALMA





## A CALMA

---

O sol caustica a prumo a rustica deveza;  
Exala-se da terra um bafo ardente; o gado  
Sedento, mal resfolga, á sombra do montado,  
Nas fulvas crispações d'essa fornalha acêza.

Canta, refresca o ouvido a agua na reprêza  
Da azenha e ao longe a voz d'um melro fatigado  
Quebra, de quando em quando, o silencio pesado  
Da sesta que adormenta em roda a natureza.

Arquejam, bico aberto, as galinhas e os patos ;  
E eu, que a escorrer suor, abro os olhos a custo,  
Esperguiço-me, acórdo, e artista como um grego

O meu olhar pagão vê, atravez dos mattos,  
Mover-se o corpo nu, elastico, robusto,  
D'um filho do moleiro a chapinhar no pégo.

# SILENCIO TRAGICO





## SILENCIO TRAGICO

---

A faina principiou de manhã cêdo,  
Manhã de junho, quente, abafadiça:  
Os machados, na *arranca* da cortiça,  
Rasgam de cima a baixo o arvoredos.

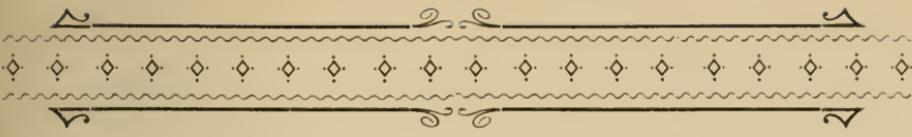
E o sobreiral vetusto, no segredo  
Das tragicas paixões, na dôr submissa  
Dos vegetaes, dir-se-ha que se espreguiça  
N'um extase espectral de espanto e medo.

Mas quando ao fim da tarde olho o montado  
E vejo em carne viva, ensanguentado,  
O velho sobreiral, sinto que encerra,

Na tortura sem voz dos infelizes,  
A dôr que vae dos troncos ás raizes  
Chorar, gritar no âmago da terra!

OS BOIS





## OS BOIS

---

Na doce paz da tarde que declina  
Apoz a faina sob um sol ardente,  
Vão os bois recolhendo lentamente  
Pelas vias desertas da campina.

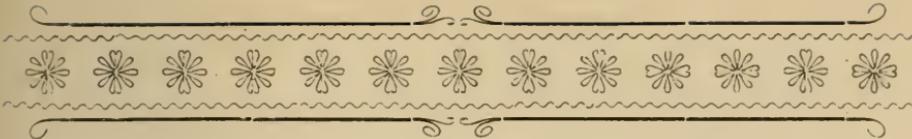
Atravessam depois a crystallina  
Ribeira e ao flébil som da agua corrente  
Bebem sedentos, demoradamente,  
N'uma sensual rudeza que os domina.

Mas quando, fartos d'agua, erguendo as fronte,  
Os beijos escorrendo, olham os montes  
E ouvem cantar ao alto os rouxinoes,

Eu fico-me a scismar, calado e triste,  
Que um mundo de impressões, que uma alma existe  
Nos olhos enigmaticos dos bois!

BEMVINDA





BEMVINDA

---

I

Bemvinda, a filha do sineiro, é loira  
E alegre como o sol que os campos doira.

Delgada e fragil como as açucenas  
Que oscillam mesmo nas manhãs serenas,

Gota d'orvalho transparente e pura,  
Que um dia Deus deixou cahir da altura

Sobre a triste existencia temporal  
Do sineiro da velha cathedral.

Vinte annos sem ter filhos, já não era  
Provavel que uma flôr de primavera

Viesse, em plena luz, desabrochar  
Na esteril decadencia do seu lar.

A mãe já tinha feito quarenta annos  
E elle sessenta; enfermidades, damnos

E a solidão que as almas enregela,  
Fizeram pouco a pouco d'elle e d'ella

Dois tristes seres arrastando a vida  
Difficilmente, na mansarda erguida

Na igreja, sob um vão de contraforte  
Que ampara a torre contra o vento norte.

De modo que ao nascer essa creança,  
Com ella renasceu tambem a esperança,

Chamma que irrompe d'entre cinzas frias,  
De melhor tempo e mais alegres dias.

E porque veio assim, formosa e linda,  
No mez d'abril, chamaram-lhe Bemvinda.

Gastou-se a mãe no leite que lhe deu,  
E logo após a criação, morreu,

Vendo ao clarão do derradeiro olhar  
A filha a rir e o pae a soluçar.

## II

Bemvinda tem quinze annos. Cada dia  
Que rompe entre clareiras de alegria

No immaculado azul dos olhos d'ella,  
Anoitece, com medo de perdel-a,

No coração do lugubre sineiro,  
Não vá, ultima flôr do seu canteiro,

Ser tambem desfolhada pela morte.  
O medo de a perder turva-o de sorte

Que se ella o vê a olhar, calado e bronco,  
E, haste nova cingida a um velho tronco,

O abraça e beija em éstos de prazer,  
Quer e não pode as lagrimas conter.

Capricho singular da natureza:  
Ser a alegria fonte de tristeza

N'aquellas duas almas tão visinhas  
Das nuvens altas e das andorinhas,

Vivendo entre beirões e coruchéos,  
Distantes mais dos homens que de Deus,

E amando-se no seio oxigenado,  
Na limpidez do espaço illimitado.

\*

\*       \*

Quando o velho cardiaco se sente  
Muitas vezes mais fraco e mais doente,

Bemvinda ergue-se cêdo e é quem moireja:  
Varre o largo terraço sobre a igreja.

Rega os vasos dispostos a seu geito,  
Em linha, junto ao crasso parapeito,

Nos quaes, ao sol, o seu olhar ufano  
Vê sempre a abrir rosas de todo o anno;

E com os braços tenros e franzinos  
E as mãos pequenas, lá repica os sinos

Com tão clara alegria pelos ares,  
Que as imagens sorriem nos altares,

E voam, n'um ligeiro e alegre bando,  
Em volta d'ella os passaros cantando!

\*

\*      \*

Afeita ao culto, alma singela e boa,  
A fé tranquilla em Deus habituou-a

Da religião ás praticas submissas:  
Confessa-se, jejua e assiste ás missas,

Da ogiva aberta em frente do altar-mór  
Toda inclinada para vêr melhor,

Quando ha pontifical ou lausperenne,  
O cortejo magnifico e solemne

Do senhor arcebispo, revestido  
Da capa magna, atraz do seu cabido,

A mitra d'oiro, o baculo aprumado,  
Em bençãos para um lado e outro lado.

Tudo a deslumbra. Hysterica e nervosa,  
Ebria de incenso e de harmonias, gosa

N'um extasis devoto as cousas bellas  
Que esmaltam os altares e as capellas,

Esculturas, jarrões, pratas e rendas,  
Os brocatéis e as lhamas estupendas

Que fulgem nas casulas e frontaes,  
Mas sobretudo o que a deslumbra mais,

N'uma impressão de espanto e de grandeza,  
É a custodia d'ouro, ao alto, accesa

No throno, em pedrarias de mil côres,  
Circumdada de luzes e de flôres!

\*

\*            \*

Bemvinda então, n'um sonho, olhando abstracta  
O vae-vem dos thuribulos de prata,

Dos quaes o incenso em flocos dissolventes  
Consola os tristes e regala os crentes,

Subindo e desfazendo-se nas naves,  
Ouvindo absorta as litanías graves

Que a igreja, ao som dos órgãos doloridos,  
Trasborda afilicta em queixas e gemidos,

Então, Bemvinda sente-se — que encanto!—  
Subir, envolta n'um aéreo manto,

Fulgente d'astros, pelo espaço fóra,  
E entrando as portas da perpétua aurora,

Ave do ceu tranquilla que esvoaça  
No infinito esplendor, cheia de graça,

Escuta Deus, n'uma ternura infinda,  
A dizer-lhe:—Que tu sejas bem vinda!

## III

Bemvinda está doente, a arder em febre,  
Ao fundo do tristissimo casebre,

No seu leito de virgem, branco e estreito.  
Entrou-lhe a tísica voraz no peito,

E o seu rosto demuda-se á medida  
Que nos pulmões lhe vae sugando a vida.

Na limpidez das faces cavernosas  
Estúa o sangue a desfazer-se em rosas.

O olhar acceso e humido está fixo  
Quasi sempre n'um grande crucifixo,

Que os dois braços pacíficos descerra,  
Como azas promptas a voar da terra.

Vem desde a noite fria do Natal,  
Lembra-se muito bem, todo o seu mal.

Ouvira missa e a igreja estava quente  
Das muitas luzes e da muita gente.

Quando subiu á torre, o luar enchia  
A terra e o céu, como se fosse dia.

Julgou vêr a boiar toda a cidade  
N'um oceano sem fim de claridade.

Em baixo, faiscavam como joias  
Os lagos dos jardins e as claraboias;

Aqui e alem, recantos e arvoredos  
Suggestionavam tragicos segredos,

Assim como agonias e tormentos,  
Ao longe, a massa negra dos conventos.

Lembra-se muito bem. Ficou-se a olhar  
Todo o esplendor d'aquelle immenso mar,

Largando a rédea solta á fantasia  
Que por mundos ignotos se perdia.

\*

\*      \*

Depois d'esse imprudente desvario,  
Entrou em casa a tiritar com frio.

A seguir veio a febre e veio a tosse,  
E a primeira hemoptyse. Tomou posse

Do seu corpo esse mal que a não illude.  
Nunca mais teve uma hora de saude.

Dia e noite, é o pae quem trata d'ella,  
N'uma angustia que aos poucos o esfacela.

Finge-se alegre, anima-a, a vêr se a engana,  
N'um tormento que esgota a força humana.

Bemvinda, a cada novas hemoptyses,  
Sente um estalar de fibras e raizes,

Que a vae, planta enfermiça, libertando  
Da terra vil, do mundo miserando.

E olhos postos no pae que a fita absorto,  
Com a expressão e a palidez d'um morto,

Pensa:—Tambem está perto do seu fim. . .  
Taivez que Deus o chame antes de mim!—

\*

\*      \*

Toda a gente conhece na cidade  
Aquella dôr e aquella enfermidade,

E avalia do estado da doente  
Pelo tocar dos sinos: docemente,

Quasi em segredo, se ella soffre mais,  
Morrem no ar sereno queixas e ais,

D'um tão dorído e fundo desalento,  
D'um choro tal, tão soluçado e lento,

Que, quem os ouve e entende aquella magua,  
Murmura, erguendo os olhos razos d'agua:

—A filha do sineiro está peor. . . —  
Mas se os sinos repicam com vigor

E soam pelo espaço, alegremente,  
Em vibrações nervosas, toda a gente

Diz, ao ouvir o toque prazenteiro:  
—Está melhor a filha do sineiro!—

\*

\*       \*

Decorre o mez d'abril. Cançada ás vezes  
De tanto padecer, vae em tres mezes,

Ergue-se, e como o tempo está seguro,  
Sae ao terraço onde respira o ar puro

Dos campos. É o velho quem a ampara.  
E ao immergir na luz doirada e clara

Da primavera, o animo parece  
Que volta a rir no lindo sol que a aquece,

E a flôr dos labios sêcos lhé alumia  
N'uma vaga e recondita alegria.

Tudo quer ver. É bella a natureza!  
Grandes mares de trigo — que riqueza! —

D'um verde forte, ao longe limitados  
Pela mancha sinuosa dos montados.

Serras de Portugal, serras de Hespanha,  
Na confusão do vago azul que as banha,

Surgem na linha extrema do horizonte.  
Mais áquem, n'um cabeço, alveja um « monte ».

Avultam na expansiva alacridade  
Velhos conventos fóra da cidade,

Hortas frescas, pomares florescentes. . .  
Mas ha nada mais triste que os doentes!

Quando se sente arrebatada e presa  
Á vida universal da natureza,

Quasi esquecida do seu mal precoce,  
Quasi alegre e feliz, volta-lhe a tosse,

Voltam-lhe os desalentos e os cansaços,  
E o velho tem de a transportar nos braços,

Para a cama, n'um ultimo quebranto,  
Banhada em sangue e suffocada em pranto.

## IV

Bemvinda em quinta feira da Ascensão  
Confessou-se, tomou a communhão

Que o coadjutor da Sé, piedosamente,  
Lhe ministrou. Sentiu-se mais doente,

Viu a morte, e não quiz que ella a levasse  
Sem que o sangue de Deus purificasse

A sua alma infeliz de peccadora.  
A febre que a requeima e lhe devora

Os ultimos resquicios da existencia,  
Luctou com ella e finalmente vence-a

N'uma lucta cruel e desigual.  
É pavorosa a lucidez mental

De quem conhece os ultimos instantes:  
Sonhos mortos, ideaes agonisantes,

Uma pena de tudo, uma saudade  
Da alegria, do amor, da mocidade,

E a apagar-se na escuridão que avança  
O ultimo olhar e a derradeira esperança.

\*

\*      \*

Logo a seguir á communhão, Bemvinda,  
O ouvido attento e a vista clara ainda,

N'um desalento horrivel que a extenúa,  
Sente passar, cantando, pela rua,

De volta das searas, raparigas  
Com molhos de papoilas e de espigas,

—Os symbolos do amor e da abundacia.—  
As vozes d'ellas perdem-se a distancia,

Na doçura da tarde que esmorece.  
Tudo em volta se expande e resplandece,

Na pujança da vida e da saúde.  
O proprio chão, quer Deus que se transmude.

Nos matizes da alfombra appetecida.  
A primavera é a saúde e a vida.

E ella tão moça a desfazer-se em nada...  
É realmente muito desgraçada!

Não ha força que a arranque ao seu destino.  
Vae morrer. O ceu amplo e crystalino

Escutará os rogos e os lamentos  
Da sua alma, nos ultimos momentos?

E no estertor que pouco a pouco a invade,  
Fitou, cheia de angustia e de saudade,

O pae que finge uma expressão tranquilla ;  
E vendo o triste ser que se aniquilla

De joelhos, a resar junto do leito,  
Sem uma queixa a transbordar do peito,

Sem uma lagrima a brotar dos olhos,  
Pensa nas tempestades, nos escolhos

D'esse oceano de dôr tão represado,  
Na desgraça d'aquelle desgraçado,

Vivo, mas já mais morto do que vivo,  
A soffrer, a penar sem lenitivo,

Sem ter ninguem que o ame e possa erguel-o  
Do horror d'esse afflictivo pesadello. . .

E olhando-o, a voz tranzida d'amargura,  
Banhada em pranto, a agonisar, murmura :

—Pobre pae, tão doente e tão velhinho. . .  
Eu vou deixal-o, vae ficar sósinho!—

\*

\*      \*

É noite. Á luz mortiça da candeia,  
Que a um canto da mansarda bruxoleia,

Dando aspectos de vida e movimento  
As sombras pavorosas do aposento,

Quasi a acabar, arqueja a moribunda,  
Enregelada no suor que a inunda,

E os cabellos lhe empasta, esses cabellos  
Leves e fartos, que era um gosto vê-los

Em ondas d'ouro esparsos pelas costas.  
Tem os olhos fechados, as mãos postas

E em Deus o pensamento, que parece  
Extinguir-se na derradeira prece.

Já mal respira. O velho, suspeitando  
Que a filha morre, ergue-se cambaleando,

Vae buscar a candeia, chega-a ao rosto  
Da moribunda, e ao vel-o decomposto,

N'uma expressão de morte, austera e calma,  
Grita:—Bemvinda, ai filha da minha alma,

Tu morres, ouve, escuta o que te digo,  
Espera um pouco e leva-me contigo!—

Bemvinda não ouviu, não respondeu,  
E n'um ligeiro frémito, morreu.

## V

Os nervos do sineiro então reagem.  
Tomado d'uma subita coragem,

Tragicamente silencioso, olhando  
O corpito esburgado e miserando

Da filha morta, resolveu tranquillo  
Pentear-lhe os cabellos e vestil-o,

Como quando a levára pela mão  
A tomar a primeira communhão.

Tirou d'uma arca velha o corpo e a saia  
Do vestidinho branco de cambraia,

E, todo elle inclinado sobre o leito,  
Vestiu-lh'ó com tal graça e com tal geito,

Como se fosse a mãe que com meiguice  
Para uma festa alegre lh'ó vestisse.

E vendo-lhe os cabellos empeçados,  
Lá lh'os desempeçou com mil cuidados,

Armando-lh'os em rolos sobre a testa,  
Como se fosse a rir para uma festa.

\*

\*      \*

A madrugada não romperá ainda.  
As rosas predilectas de Bemvinda

Estão, longe da mão que as abandona,  
Branças e frias como a sua dona.

Quando o velho sineiro vae colhel-as,  
N'um ceu de lucto choram as estrellas.

Quebra o silencio o rythmo pendular  
Do relógio na torre a soluçar.

Só elle, cujas mortas alegrias  
Se afundam n'um mar alto de agonias,

Não lhe é dado chorar, achar conforto  
Entre as dôres e angustias do seu horto,

Que Deus não quer humedecer de pranto  
Os seus olhos febris, cheios de espanto.

Então, como um somnambulo, caminha. . .  
Pega n'um ramo e n'uma almofadinha,

E os braços estendendo com cuidado,  
Aperta ao peito o corpo inteiriçado,

Cuja cabeça, sem causar-lhe assombro,  
Lhe cahiu docemente sobre o hombro.

Desce depois a escada, devagar.  
Parece que tem medo de a acordar.

E no percurso da espiral comprida,  
Julga talvez que a leva adormecida.

\*

\*       \*

Na igreja, em baixo, corta as trevas densas  
A frouxa luz das lampadas suspensas.

Por detraz da rosacea que descora,  
Mal se adivinha o despontar da aurora.

Na penumbra dos nichos recatados,  
Pendem da cruz aspectos resignados,

E ha, entre o alvor symbolico dos lirios,  
Gestos de dôr, visagens de martyrios

De atormentadas virgens supplicantes,  
Erguendo os olhos para os ceus distantes.

Ao depôr o cadaver na capella  
Da Virgem Mãe, que foi madrinha d'ella,

Sobre o tapete, carinhosamente,  
Temendo, como quando estava doente, .

Que a molestasse um movimento brusco,  
Foi atravez do incerto lusco fusco

Buscar a tumba e erguel-a sobre o estrado,  
Entre quatro brandões de cada lado.

Quando a metheu no esquife, poz-lhe á pressa  
A almofada debaixo da cabeça.

Nas mãos de cera, finas e mimosas,  
Postas em cruz, intercalou-lhe as rosas.

E ageitando-lhe as dobras do vestido,  
N'um extase, fitou enternecido,

Docemente inclinado sobre o peito,  
O rostinho da morta, alvo e desfeito,

Que o oiro dos cabellos lhe circunda.  
Depois, n'uma explosão de dôr mais funda,

O corpo em febre, a alma desvairada,  
N'uma vertigem doida, galga a escada,

Entra na torre, e em impetos convulsos  
Atou as cordas fortemente aos pulsos,

E com tal força as repuxou, que os sinos  
Estrugiram nos ares crystalinos

Da madrugada silenciosa e fria,  
Acorda toda a gente que dormia,

E ouvindo um tal fracasso pelos ares,  
Pensou que os grandes bronzes seculares,

Tocados por um doido, brutalmente,  
Rompidas as amarras, de repente,

Se houvessem despenhado na calçada...  
Mas em seguida não se ouviu mais nada.

.....  
.....

Encontraram depois o velho morto,  
Estendido de costas, como absorto,

Olhos pasmados para o sol distante,  
Que lhe allumia o tragico semblante,

Todo banhado em sangue e as mãos crispadas  
Inda presas ás cordas retezadas,

N'uma extranha e fantastica expressão...  
Tinha-lhe rebentado o coração.

FIM

# INDICE





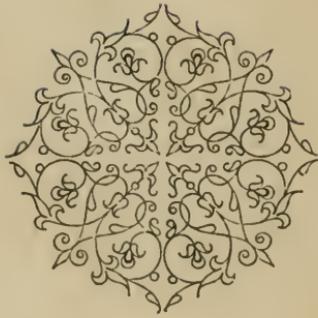
## INDICE

---

A sesta . . . . .	7
As mondadeiras . . . . .	15
A velha canção. . . . .	21
A cruz de trovisco . . . . .	31
Primavera . . . . .	49
A santa cruz . . . . .	57
Salada primitiva . . . . .	71
Alma religiosa . . . . .	77
As cegonhas . . . . .	83
Ecloga . . . . .	91
Intima paz . . . . .	99
Tragedia rustica . . . . .	105
As moças de Bencatel . . . . .	117
A ceia . . . . .	123
Canções das rosas. . . . .	129
Serenata a Nossa Senhora . . . . .	133
O senhor morgado. . . . .	143
Os ciganos . . . . .	147
Ao rebentar das seivas . . . . .	157
Os bebedos. . . . .	161
Inverno . . . . .	167
Natal. . . . .	173
A extrema unção. . . . .	181
Ad petendam pluviam . . . . .	195
No monte . . . . .	203
A calma. . . . .	207
Silencio tragico . . . . .	211
Os bois . . . . .	215
Bemvinda . . . . .	219











PQ Monsaraz, Antonio de Macedo  
9261 Papanga, conde de  
M643M8 Musa alemtejana

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 03 25 03 004 0